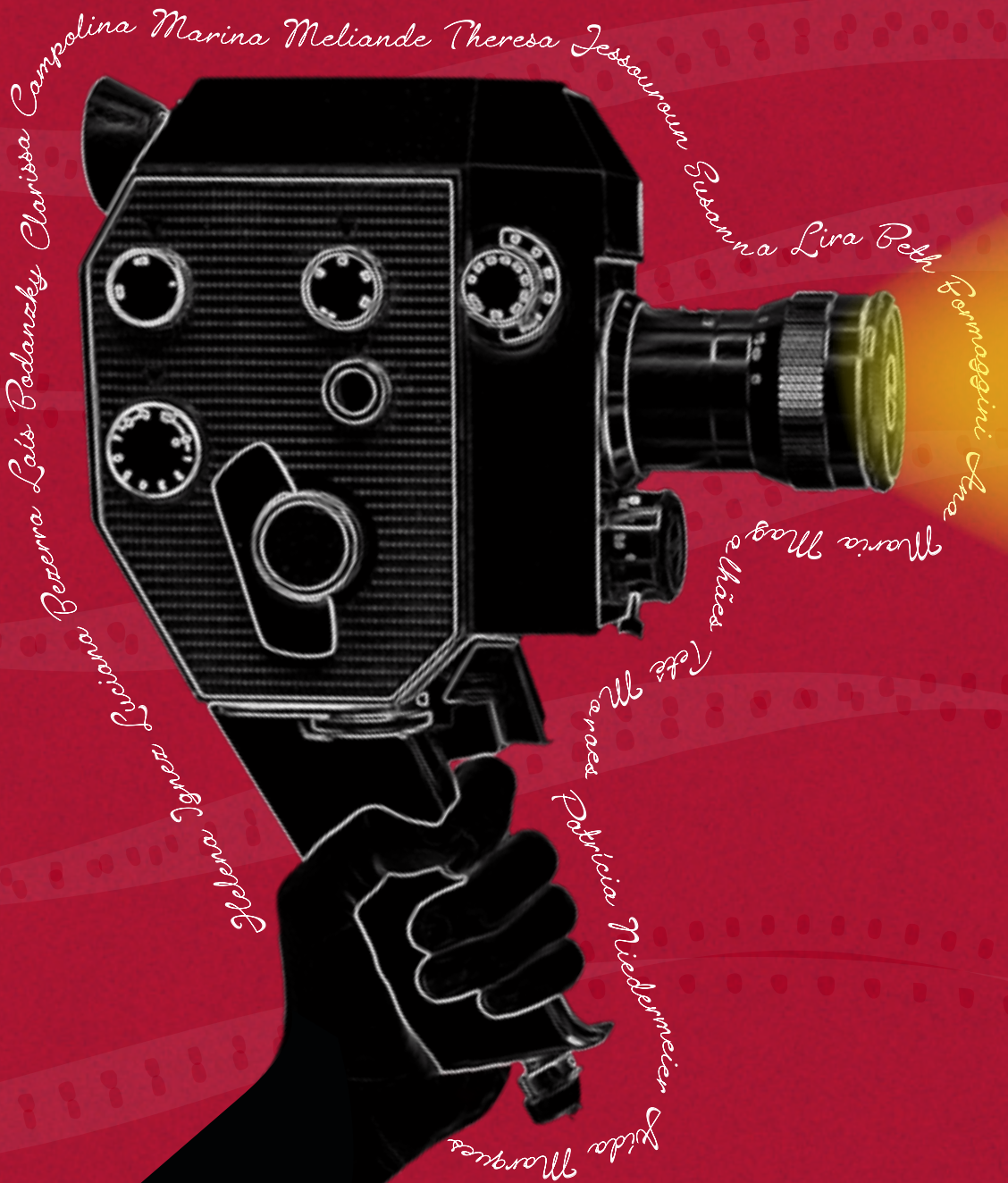


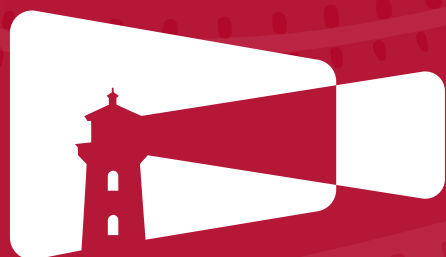
FARÓIS DO CINEMA

Mulheres Cineastas





apresenta



FARÓIS DO CINEMA

Mulheres Cineastas

27 de agosto a 8 de setembro de 2024

CAIXA Cultural RJ



A Dupla Jornada, de Helena Solberg

Sou filha de cineasta. Portanto, nasci e cresci imersa no universo do cinema. Sempre acreditei que existem duas dimensões distintas na sétima arte: o filme que o espectador consome e o filme que o diretor concebe. Isso sempre despertou minha curiosidade: o que inspirou aquele cineasta a ter tais ideias?

Quando conheci o blog *Faróis*, criado por meu querido amigo, o renomado crítico de cinema Carlos Alberto Mattos, esse processo se esclareceu para mim. O blog apresentava entrevistas com cineastas brasileiros que discutiam os filmes que inspiraram suas obras. Fiquei encantada com o conteúdo que revelava os bastidores da criação dos nossos filmes, da nossa memória cinematográfica. Instigada, não pude deixar de pensar: por que não materializar essa ideia? Sugeri ao Carlinhos, então, que transformássemos o blog *Faróis* em uma mostra de cinema, e ele imediatamente aceitou. Assim, em 2010, realizamos a 1ª edição de *Faróis do Cinema – Quem faz e Quem Inspira*, e essa empreitada, que já está prestes a completar 15 anos, chega agora à quarta edição como mostra e com uma temporada como programa de TV.

Faróis do Cinema não se limita a um formato específico; já foi blog, mostra e programa de TV, e ainda pode se expandir ou se retrair, assim como a luz projetada na tela do cinema ou a luz que guia um navio. Navegar é preciso, assim como é preciso contar e ouvir essas histórias que formam o Cinema Brasileiro. Hoje, temos muitas diretoras de cinema no Brasil, mas a jornada até aqui não foi fácil. Nesta edição, temos o prazer de reunir só as mulheres cineastas de várias gerações, que compartilham seus filmes, suas inspirações e discutem presencialmente seus processos criativos.

Para essa edição teremos o filme inédito de Susanna Lira sobre Fernanda Young; o primeiro longa de ficção de Luciana Bezerra (*A Festa de Léó*), filme rodado no Vidigal com a participação de moradores; teremos documentários de períodos e olhares diferentes, como *Agudás – Os Brasileiros do Benin*, de Aída Marques, *O Sol – Caminhando contra o*

Vento, de Tetê Moraes, *Xingu Cariri Caruaru Carioca*, de Beth Formaggini, e o necessário *O Corpo é Nosso!*, de Theresa Jessouroun; e também ficções singulares, entre elas o eterno *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral e *Como Nossos Pais*, de Laís Bodanzky. Teremos em destaque as HELENAS: Helena Ignez exibirá seu último filme *A Alegria é a Prova dos Nove*, e Helena Solberg se faz presente com o filme farol *A Dupla Jornada*, e ainda o curta *Helena de Guaratiba*, de Karen Black. Filmes que permitem e experimentam outras linguagens, como *Ainda Estamos Aqui*, de Clarissa Campolina, *Mormaço*, de Marina Meliande e *Salto no Vazio*, de Patrícia Niedermeier, além de filmes faróis que sempre valem a pena serem vistos e revistos: *Viver a Vida*, de Godard, *As Praias de Agnès*, de Varda e *Hiroshima, Meu Amor*, de Alain Resnais. Todos os filmes da mostra, independentemente de serem dirigidos por mulheres ou homens, e do gênero dos personagens, têm em comum o princípio de trazerem à tona o protagonismo da temática do feminino enquanto possíveis caminhos para iluminar ou apontar um mundo melhor. É muito bom termos essas mulheres como faróis para nos inspirar.

Esperamos que, nos próximos 15 anos, possamos realizar ainda mais edições de *Faróis do Cinema*, mantendo viva a memória do nosso cinema e disponibilizando o processo criativo de nossos realizadores. Que possamos influenciar jovens e amantes do Cinema Brasileiro, mantendo os *Faróis* acesos e iluminando as novas gerações.

Mariana Bezerra

Sou mulher, mãe da Yasmin e do Caio, produtora cultural, jornalista e aromaterapeuta. Formada em jornalismo na FACHA, trabalhei na TV Brasil e na Multirio, colaborei na produção de filmes brasileiros, entre eles Atabaques Nzinga e Os Cavaleiros de Jorge, ambos de Octávio Bezerra; Na Carne e na Alma, de Alberto Salvá; e Fúria e Elvis e Madona, ambos de Marcelo Laffitte. Como diretora da Khora Produção e Comunicação realizei várias mostras de cinema na CAIXA Cultural, entre elas Faróis do Cinema 1, 2, 3 e agora a 4ª edição; O Cinema de Murilo Salles; Cine Uruguai; Cine Centro América; Luís Buñuel – vida e obra; e O Cinema de Ken Loach.

Pequeníssima História dos Faróis

Desde a invenção do cinematógrafo e até o cinema digital dominar as salas, a projeção de filmes se valia de um fecho de luz. Um caminho luminoso passava acima de nossas cabeças, transportando a imagem da película diminuta para as grandes telas. Havia nisso um quê de farol.

Faróis são produtos de uma arquitetura poética. São feitos para guiar, fornecer referência e segurança para quem navega. Transformados em metáfora, representam a indicação de caminhos e a esperança de uma boa chegada. Um farol significa, assim, uma fonte de iluminação e inspiração no sentido mais amplo. Cada um de nós tem os seus faróis na vida, na arte, na cultura, no comportamento. Eles cunham nossos gostos, preferências e maneiras de fazer.

Foi com esse espírito que iniciei, em abril de 2007, a série de postagens *Faróis* no DocBlog, que então mantinha no portal O Globo. Dada a especialização do blog, convidei inicialmente 39 documentaristas entre os/as mais importantes do país para que apontassem os cinco filmes que consideravam mais relevantes na formação do seu olhar de cineasta. Sobre cada filme escolhido como um de seus faróis, eles e elas escreveram pequenos comentários, alguns especialmente inspirados.

A ideia por trás da série era investigar as fontes de inspiração e os diálogos possíveis entre o diretor e o espectador que convivem em cada documentarista. Para tanto, valia listar todo tipo de filme: documentários ou ficções, filmes brasileiros ou estrangeiros, de qualquer duração ou formato. Ou

seja, cinco faróis de sua navegação nas águas do cinema. O resultado pretendia ser uma contribuição para melhor compreendermos o documentário brasileiro contemporâneo, suas linguagens, escolhas e motivações.

Em 2010, Marcelo Laffitte (1963-2019) e Mariana Bezerra propuseram realizar uma mostra inspirada naquelas consultas, que recebeu o título *Faróis do Cinema – Documentário Brasileiro – Quem Faz e Quem Inspira*. Juntaram-se à equipe a produtora Paula Alves e o produtor Eduardo Cerveira.

Dedicada à memória de Mário Carneiro (1930-2007), a primeira edição do evento reuniu, na CAIXA Cultural e no Oi Futuro (Rio de Janeiro), dez documentaristas em encontros de duplas. Eles e elas dissertaram sobre suas admirações, influências e diálogos com o cinema de outros grandes realizadores e realizadoras. Uma sessão especial, denominada “Novas Luzes”, apresentou curtas-metragens de quatro jovens diretores que então despontavam no documentarismo.

Uma segunda edição da mostra teve lugar na CAIXA Cultural (RJ) em 2011, congregando dessa feita cineastas identificados/as prioritariamente com o cinema de ficção. Três anos depois, em 2014, mais uma vez a CAIXA Cultural abrigou o evento, levando outros/as grandes cineastas brasileiros/as para comentar e debater suas admirações, filiações e afinidades no campo do cinema. Nessa edição, prestou-se uma homenagem ao então recém-falecido Eduardo Coutinho, com a exibição da cópia



restaurada de *Cabra Marcado Para Morrer*, recordista de citações como farol entre documentaristas nacionais. A curadoria e a mediação dos debates, até então feitas por mim, foram assumidas, respectivamente, por Marcelo Laffitte e Andrea Cals.

Enquanto a série *Faróis do Cinema* continuava a ser publicada em blog específico, com cada cineasta comentando dez filmes-faróis, um novo salto lançou o projeto para além dos eventos presenciais com a criação do programa de TV exibido pelo Canal Brasil em 2015. Com direção de Laffitte e apresentação a meu cargo, *Faróis do Cinema* teve 15 episódios gravados em estúdio e fartamente ilustrados com cenas dos filmes abordados. A utilização de cinco câmeras propiciou uma linguagem ágil e inovadora em se tratando de programa de entrevistas. A equipe se formava com Jacques Cheuiche na direção de fotografia, Rafael Rolim na montagem, Marcio Câmara no som, Rafael Targat na direção de arte, Kassim na trilha de abertura e Julia Murad nos figurinos e maquiagem. Cada episódio era seguido da exibição, pelo canal, de um filme completo do diretor ou diretora em foco.

Depois de um recesso de nove longos anos, em que o país viveu tempos sombrios, os *Faróis* voltam a jogar seus fochos de luz sobre as redes de refe-

rência do cinema brasileiro contemporâneo. A nova edição da mostra, com curadoria de Mariana Bezerra e consultoria minha, dedica-se exclusivamente a mulheres cineastas. Doze diretoras apontaram seus filmes-faróis e se dispuseram a conversar com o público sobre cinefilia, influências e inspirações a partir das obras que consideram fundamentais na concepção da sua própria ideia de cinema.

Além de reflexão estética e genealógica, essa etapa de *Faróis do Cinema* pretende inserir-se num momento em que se procura corrigir as discrepâncias históricas de gênero e o relativo apagamento de um cinema feminino no Brasil. Vamos vê-las e ouvi-las.

Carlos Alberto Mattos

Jornalista, crítico e pesquisador de cinema com passagens pelo *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de S.Paulo*, *IstoÉ* e *O Pasquim*. Autor de livros sobre os cineastas Walter Lima Jr., Eduardo Coutinho, Carla Camurati, Jorge Bodanzky, Maurice Capovilla, Vladimir Carvalho e Mario Carneiro, além de “Cinema de Fato – Anotações sobre Documentário” e dos sites-livro “Paisagens do Fim” e “Cinema contra o Golpe”. Foi coordenador de cinema do CCB- Rio e presidente da Associação de Críticos de Cinema-RJ. Criou o pioneiro DocBlog em *O Globo*, foi editor da revista *Filme Cultura* e coeditor da revista *Cinemais*. Foi cocurador da Ocupação Eduardo Coutinho (Itaú Cultural e IMS) e do Seminário Na Real_Virtual sobre documentário brasileiro contemporâneo. Publica regularmente no blog carmattos.com.

Sumário



10 Farol
Aída Marques



14 Farol
Ana Maria Magalhães



18 Farol
Beth Formaggini



22 Farol
Clarissa Campolina



26 Farol
Helena Ignez



30 Farol
Láis Bodanzky



34 Farol
Luciana Bezerra



38 Farol
Marina Meliande



42 Farol
Patrícia Niedermeier



46 Farol
Susanna Lira



50 Farol
Tetê Moraes



54 Farol
Theresa Jessouroun



58 Sinopses



68 Agradecimentos



69 Créditos

Aída Marques

Bate-papo com a cineasta no dia 5 de setembro



// Filmografia selecionada

Agudás – Os Brasileiros do Benin (2023)
Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema (2023),
em codireção com Ivelise Ferreira
Trágicas (2019)
Abdias do Nascimento (2011)
Expedito: em Busca de Outros Nortes (2006)

Diretora, produtora executiva e roteirista brasileira. Aída Marques nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, e estudou cinema e literatura em Paris. Depois de regressar ao Brasil, em 1979, trabalhou como montadora para a Embrafilme até 1987. Ela é conhecida por sua premiada carreira como editora, colaborando em filmes de cineastas como Gustavo Dahl, Silvio Da-Rin, Sandra Werneck e Conceição Senna. Além disso, ela é professora de Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF), autora do livro *O Cinema de Nelson Rodrigues* (Ed. 7 Letras), entre outras publicações, em que analisa a comunicação entre o teatro e o cinema, um dos seus temas favoritos, ao comparar quatro peças de Nelson Rodrigues com suas adaptações cinematográficas: *Boca de Ouro*, *A Falecida*, *O Beijo no Asfalto* e *Toda Nudez será Castigada*.

A cineasta tem como destaque em sua filmografia uma cinebiografia (*Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema*, 2023) em que, em codireção com Ivelise Ferreira, revisita a carreira de Nelson Pereira dos Santos, autor de obras-primas como *Rio 40 Graus* (1955) e *Vidas Secas* (1963), entrelaçando a história de Nelson com o país e o cinema brasileiro. E *Trágicas* (2019), documentário que mescla teatro e cinema inspirado em heroínas da tragédia grega onde funde dramaturgia, encenação e literatura.

O seu mais recente trabalho é o documentário *Agudás – Os Brasileiros do Benin* (2023), em exibição nos *Faróis do Cinema*, uma coprodução entre Brasil/Benin/França em que retrata um grupo de

descendentes de africanos escravizados no Brasil, que retornaram à terra natal com o fim da escravidão, e também de descendentes, brasileiros e portugueses, de traficantes de escravos, que se instalaram naquela região da África nos séculos XVIII e XIX. No formato de entrevistas e com imagens de arquivo, *Agudás* dá voz e materializa uma história que merece ser mais conhecida no Brasil.

// Filmes Faróis

“Os filmes que aponto aqui como faróis representam as minhas afinidades atuais. Sem dúvida, elas foram afinadas ao longo da vida. O que está sempre presente é a literatura e, logo em seguida, a experimentação, tanto no documentário quanto na ficção. O risco e a ousadia me seduzem sempre.”

Hiroshima, Meu Amor

(*Hiroshima, mon amour*, 1959), de Alain Resnais

A Marca da Maldade

(*Touch of Evil*, 1958), de Orson Welles

Entrevista

(*Intervista*, 1987), de Federico Fellini

Persona

(1966), de Ingmar Bergman

Azyllo Muito Louco

(1970), de Nelson Pereira dos Santos

Ricardo III – Um Ensaio

(*Looking for Richard*, 1996), de Al Pacino

Querelle

(1982), de Rainer Werner Fassbinder

A Paixão Segundo G.H.

(2023), de Luiz Fernando Carvalho

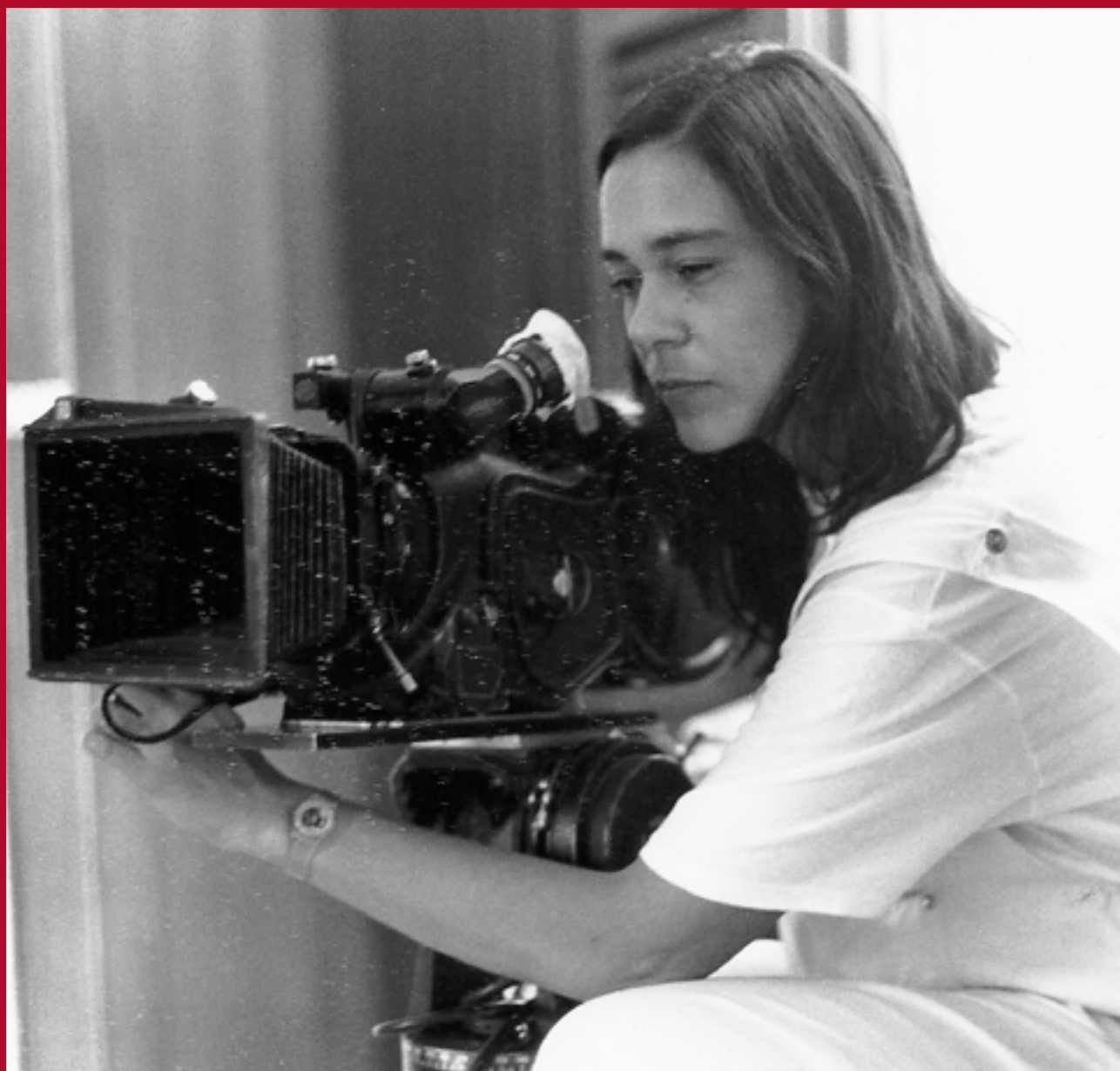
Hiroshima, Meu Amor

A primeira vez que assisti ao filme *Hiroshima, meu amor*, o primeiro longa-metragem de Alain Resnais, há muitos e muitos anos atrás, eu me senti “bouleversée” – este é o termo exato. Daquele momento até hoje, revi o filme algumas vezes e nunca esqueci a palavra “Nevers”, a cidade do amor e da guerra. Atualmente, continuo revendo essa obra-prima e me sinto cada vez mais próxima das estratégias cinematográficas deste cineasta. Tanto o rigor dos enquadramentos e da montagem, quanto os recursos narrativos e os temas tratados – a impossibilidade do amor e da paixão, a morte, a guerra, a memória, o reviver de experiências passadas, a influência do acaso, e, enfim, a literatura –, me encantam pela combinação de ousadia e simplicidade. O texto de Marguerite Duras se desdobra no filme em um constante diálogo com as imagens, incluindo referências quase documentais em certos momentos. Todos estes elementos e procedimentos estão cada vez mais presentes no meu trabalho como realizadora, e Alain Resnais, sobretudo com este filme, mas também com o conjunto da sua obra, se tornou o meu companheiro de jornada e permanente farol.



Hiroshima, meu amor, de Alain Resnais

Ana Maria
Magalhães



// Filmografia selecionada

Já Que Ninguém Me Tira pra Dançar (2021)

Mangueira em 2 Tempos (2019)

Reidy, a construção da utopia (2009)

Lara (2002)

Erotique (episódio “Final Call”) (1994)

Mulheres de Cinema (1977)

Cineasta, atriz, produtora e roteirista, Ana Maria Magalhães nasceu no Rio de Janeiro. Estudou no Conservatório Nacional de Teatro, mas logo o cinema se torna a sua grande vocação participando ativamente do movimento Cinema Novo, que revolucionou a arte cinematográfica nacional, dirigida pelos principais realizadores daquele momento, como Glauber Rocha (*A Idade da Terra*, 1980), Gustavo Dahl (*Uirá, um Índio em busca de Deus*, 1973) e Paulo César Saraceni (*Anchieta, José do Brasil*, 1979). Num breve período, ela participou de *Todas as Mulheres do Mundo* (1966), de Domingos Oliveira, *Garota de Ipanema* (1967), de Leon Hirzman e *O Diabo Mora no Sangue* (1968), de Cecil Thiré. Mas é na parceria com Nelson Pereira dos Santos um dos seus grandes destaques como atriz nas obras *Quem é Beta?* (1973), *Azyllo Muito Louco* (1970) e *Como Era Gostoso o Meu Francês* (1971).

Em novembro de 2011, a cineasta concedeu uma entrevista ao crítico Carlos Alberto Mattos para seu projeto *Faróis do Cinema* em versão online, com trecho aqui reproduzido: “Fosse como índia de pouca roupa, gatinha urbana ou diva carnavalesca, Ana Maria Magalhães começou a povoar nossa imaginação na época do Cinema Novo, atuando em filmes de Nelson Pereira dos Santos, Gustavo Dahl (com os quais foi casada), Cacá Diegues, Leon Hirszman e Luiz Carlos Lacerda, entre outros. Já então havia trabalhado no Grupo Oficina e militado no movimento estudantil. Seguiu-se uma carreira fértil no cinema e na TV, que torna-

ram seu rosto um dos mais populares do Brasil.

Aos poucos, a musa foi se revelando também uma ambiciosa autora de filmes, quase todos ligados a ideias de modernidade na cultura brasileira. Aí se incluem curtas como *Assaltaram a Gramática* (perfil performático de quatro poetas), *Já que Ninguém me Tira pra Dançar* (sobre Leila Diniz), *Spray Jet* (pintura urbana) e *Mulheres de Cinema*. Uma dessas mulheres de cinema inspiraram seu primeiro longa-metragem, *Lara*, adaptação livre de episódios da vida de Odete Lara”.

A partir dos anos 80, ela passa a se dedicar integralmente a realização cinematográfica. Mas nos anos 2000, o cineasta português Manoel de Oliveira convenceu Ana Maria a voltar a atuar no longa-metragem *O Estranho Caso de Angélica* (2010) e cinco anos mais tarde também participa de *Cordilheiras no Mar, a Fúria do Fogo Bárbaro*, de Geneton Moraes Neto. Entre seus créditos recentes como diretora estão o documentário *Reidy, a construção da utopia* (2009), sobre o arquiteto e urbanista Affonso Eduardo Reidy; uma minissérie em cinco episódios intitulada *O Brasil de Darcy Ribeiro* (2014); e revisitou personagens do curta *Mangueira do Amanhã* (1992) em *Mangueira em 2 Tempos* (2019), em exibição nos *Faróis do Cinema*.

// Filmes Faróis

Clamor do Sexo

(*Splendor in the Grass*, 1961), de Elia Kazan

A descoberta sexual e a passagem da adolescência são esplendidamente exploradas por Kazan. As imagens do verão se contrapõem à violência dos conflitos entre pais e filhos às vésperas da Depressão. O filme deságua no perdão aos pais. No ótimo e lindo elenco, Natalie Wood e Warren Beatty. E ainda Barbara Loden, magnífica na pele da absurda garota que barbariza a sociedade puritana e expõe a hipocrisia do sistema que investe na riqueza como substituta da sexualidade.

Deus e o Diabo na Terra do Sol

(1964), de Glauber Rocha

Tinha quatorze anos quando assisti, e esse foi o primeiro filme brasileiro que me impressionou fortemente. Acostumada a ver o cangaço em filmes sanguinolentos, a dramaticidade, a música, as interpretações, tudo me conduziu ao Brasil profundo que eu pressentia nas histórias que meu pai contava sobre o cangaço em Serra Talhada, terra de Lampião e da nossa família. As interpretações também surpreendem em um tempo em que não se via algo tão visceral na cena cinematográfica brasileira.

O Anjo Exterminador

(*El Ángel Exterminador*, 1962), de Luis Buñuel

Assisti numa sessão do Festival Internacional do Filme em 1965. Buñuel estabelece convenções, das quais não ousamos duvidar, para criar uma situação surreal em que expõe a miserabilidade da condição humana sem jamais perder o humor. Com ele descobri o surrealismo e me apaixonei definitivamente pelo seu cinema. Dediquei o curta-metragem *O Bebê* a Luis Buñuel.

Viver a Vida

(*Vivre sa Vie*, 1962), de Jean-Luc Godard

Entre tantos filmes de Godard que vi na adolescência este foi o que mais me tocou. Tive a impressão de que ele falava filosoficamente sobre as mulheres para as mulheres. Revi o filme ultimamente e continua moderno. Com elementos mínimos, ele cria

uma atmosfera em que forma e conteúdo se entrelaçam com a mesma afinação.

A Marca da Maldade

(*Touch of Evil*, 1958), de Orson Welles

Gosto de todos os filmes de Welles, sem exceção. *Kane*, que vi e revi no Cine Bijou, me deslumbrou. Sem falar em *F for Fake*, que discute a arte com veracidade, apesar do título. Porém, somente um mestre do cinema poderia conceber aquele plano inicial de *A Marca da Maldade*. A trama intrigante e elaborada desenvolve uma tensão que não cessa. E seu tema discute o embate entre a lei e a justiça. Algo cada vez mais atual e eterno na sociedade dos homens.

M, O Vampiro de Düsseldorf

(*M - Eine Stadt sucht einen Mörder*, 1931), de Fritz Lang

A maldade aqui é ambigualmente expressa na tensão entre o terror social do nazismo ascendente e o psiquismo do assassino. Em seu primeiro filme sonoro, Lang explora as potencialidades da montagem associada ao som para criar a atmosfera de suspense. A violência é apenas sugerida pelos sons, sombras, enquadramentos e cortes. Quando os mafiosos locais pegam o criminoso para matá-lo, Lang lhe dá a chance de expor a tragédia psicológica de seu terrível instinto. "It's far beyond my control", é o que diz, em outras palavras, a personagem interpretada por Peter Lorre no monólogo final.

A Paixão de Joana D'Arc

(*La Passion de Jeanne d'Arc*, 1928), de Carl T. Dreyer

O filme de Dreyer é um dos mais belos da história do cinema. A iluminação e os enquadramentos dão um tom pictórico às cenas e suportam o misticismo e o sofrimento da santa guerreira magistralmente interpretada por Falconetti. Sem recursos como som e maquiagem, a atriz expressa o martírio com a intensidade de sua interiorização. O gestual mínimo é hieraticamente intimista. O filme também tem em seu elenco ninguém menos que o teatrólogo Antonin Artaud.

Ouro e Maldição

(*Greed*, 1924), de Erich von Stroheim

Erich von Stroheim se utiliza de um conto para criar a obra-prima do cinema mudo. Como Kafka tem sua premonição em *Amerika* sem jamais ter ido aos Estados Unidos, Stroheim desce aos fundamentos da sociedade que enfoca e realiza um filme tão à frente do seu tempo que continua atual. Destaco a cena do casamento em que um enterro ao mesmo tempo passa ao fundo na rua. E Zasu Pitts cobrindo o seu corpo miserável com moedas de ouro, uma das quais ela morde em êxtase.

Vagas Estrelas da Ursa

(*Vaghe Stelle dell’Orsa*, 1965), de Luchino Visconti

Talvez seja o filme mais poético de Visconti, como o próprio título extraído de um poema de Leopardi. A beleza da dupla Claudia Cardinale e Jean Sorel contrasta com o fardo emocional do passado nostalgicamente cultivado no presente. Visconti cria uma atmosfera impregnada de trágico nessa estória de retorno à casa paterna, em que contrapõe a família ao radicalismo existencial.

A Noite

(*La Notte*, 1961), de Michelangelo Antonioni

O “maestro”, como o chamava Glauber, foi o mais moderno de todos no sentido de antecipar temas

da existência humana ao nível coletivo ou individual. Antonioni teve a capacidade de fazer com maestria a passagem do neorrealismo à contemporaneidade. Em *A Noite* não há um único plano que não seja um acontecimento. Arquiteta a estrutura interior do romance em imagens e diálogos. A partir da simples observação de uma situação compõe uma estória. Nela empreende a análise dos sentimentos, no caso angústia e amor, em que exprime a experiência humana com beleza e intensidade. A cidade é personagem sempre presente em seu rico universo. Nos créditos enquadra Milão. Mais adiante haverá o contraponto entre a indústria e o pensamento, encarnado por Mastroianni no papel do escritor. Usa o tempo, assim como a cor ou seus contrastes de preto, branco e cinza, em função da narrativa e da poética. A festa é o elemento central deste filme em que enquadra com sutileza e ironia a burguesia milanesa. O filme, com Monica Vitti dizendo que tem vinte e dois anos e muitos meses, marcou a minha formação. Quando Glauber me apresentou a Antonioni no bar do Hotel Excelsior, em Veneza, pensei de imediato em *A Noite*, que povoou meus sonhos adolescentes. Maestro, que saudades!



Mangueira em 2 Tempos, de Ana Maria Magalhães

Peth Formaggini

Bate-papo com a cineasta no dia 31 de agosto



// Filmografia selecionada

Pastor Claudio (2017)

Xingu Cariri Caruaru Carioca (2015)

Coutinho.doc – Apto. 608 (2008)

Memória para uso diário (2007)

Diretora, roteirista e produtora nascida em Montes Claros (MG). Formada em História pela Universidade Federal Fluminense, especializou-se em documentário e pesquisa audiovisual na Universidade de Roma (Itália). Em 1987, dirigiu o curta-metragem *Touche Pás À Mon Pote*, em parceria com Flávio Ferreira, Henri Gervaiseau e Solange Padilha. Em 1995, realizou o documentário *Pontos de Vista*, exibido pela TV Manchete. Recebeu o prêmio de melhor filme, segundo o júri popular do Festival do Rio 2007, pelo longa-metragem *Memória para uso diário* (2007), em que documenta o trabalho do grupo Tortura Nunca Mais RJ. Em 2010, seu curta *Angeli 24h* venceu os prêmios de melhor documentário na Jornada da Bahia 2011 e melhor direção de curta-metragem no Recine 2011. Trabalhou na produção e pesquisa de documentários de diversos cineastas, em especial dos filmes de Eduardo Coutinho, entre eles *Babilônia 2000* (2000), *Edifício Master* (2001) e *Peões* (2003). Produziu ainda outros filmes, como *Bendito Fruto* (2004), de Sérgio Goldenberg, *Em Trânsito* (2005), de Henri Gervaiseau, *Novela na Santa Casa* (2006), de Cathie Levy e *Paixão e Virtude* (2014), de Ricardo Miranda. Organizou retrospectivas sobre as obras de Walter Lima Junior e Joaquim Pedro de Andrade, além das mostras VIDA – parte da Eco 92 – e Cinema na TV – parte do festival É Tudo Verdade. Entre 2005 e 2006, foi presidente da Associação Brasileira de Documentaristas do Rio de Janeiro.

Beth Formaggini é uma pesquisadora do do-

documentário brasileiro, já tendo realizado diversas curadorias sobre o tema, resgatando a memória de programas feitos para o Globo Repórter, nos anos 1970. Foi também coordenadora de pesquisa em filmes como *Martírio* (2016), de Vincent Carelli; *Othello, o Grande* (2018), de Lucas H. Rossi; e *O Mistério do Samba* (2007), de Lula Buarque e Carolina Jabor, entre outros trabalhos na área. A sua relação próxima com Coutinho rendeu o filme *Coutinho.doc – Apartamento 608* (2008) em que acompanha o processo de criação do realizador desde a pesquisa até o fim das filmagens de *Edifício Master*.



Xingu Cariri Caruaru Carioca, de Beth Formaggini

// Filmes Faróis

Cabra Marcado Para Morrer

(1985), de Eduardo Coutinho

Eduardo Coutinho é um imenso farol iluminando o meu caminho e o documentário brasileiro. Tive o privilégio de ter colaborado com ele em alguns dos seus filmes e de aprender, principalmente, como me relacionar com os personagens, sua obsessão. Eles construíam junto com Coutinho uma narrativa sobre si mesmos numa coautoria. Como ele mesmo dizia, era uma “negociação de desejos”. *Cabra Marcado Para Morrer*, a história de uma família e a saga de uma equipe de cinema contam a história do nosso país a partir de um núcleo familiar e dos camponeses de Galileia. Acompanhamos neste documentário os modos de filmar do cinema brasileiro, desde o cinema militante do CPC até o documentário moderno dos anos 80, onde o processo de filmagem traz mais perguntas do que respostas. As certezas de 64 se multiplicam em várias versões em 84: a do diretor e a dos personagens. Coutinho filmava o outro para entender quem ele era.

Martírio

(2016), de Vincent Carelli, Tatiana Almeida e Ernesto de Carvalho

Martírio, sobre a saga dos Guarani Kaiowá, é o segundo filme da trilogia de Vincent Carelli, criador do projeto Vídeo nas Aldeias. O primeiro foi *Corumbiara*, depois *Martírio* e, finalmente, *Adeus, Capitão*. Desde que conheci Vincent há 40 anos, ele grita contra o genocídio dos povos indígenas usando o audiovisual como ferramenta de luta contra o apagamento da memória, a expropriação dos seus territórios, a violência dos brancos e do agronegócio, e a indiferença dos governos. Os realizadores indígenas formados pelo projeto já têm uma filmografia sólida e única que podemos assistir no <http://www.videonasaldeias.org.br>. Tive a honra de ter colaborado em alguns trabalhos e na pesquisa de *Martírio* — e de ter como amigo esse cara que eu admiro tanto.

Branco Sai, Preto Fica

(2014), de Adirley Queirós

‘Da nossa memória fabulamos nós mesmos.’ Já disse tudo, não preciso falar mais nada sobre Adirley Queirós, diretor da Ceilândia, que expõe a violência do Estado brasileiro, o racismo e a exclusão social com uma potência e uma liberdade formal que, literalmente, explodem Brasília com uma bomba cultural.

Deus e o Diabo na Terra do Sol

(1964), de Glauber Rocha

Quando assisti a este filme na adolescência foi como se um raio tivesse atravessado a minha cabeça. Eu já tinha a cabeça feita nos cineclubes pelos filmes do neorealismo italiano, da Nouvelle Vague e pelos filmes brasileiros que me moviam, como *Vidas Secas* e *Rio Zona Norte* (N.R.: ambos dirigidos por Nelson Pereira dos Santos). Mas a radicalidade na criação, a câmera na mão, os *jump cuts*, a violência, o messianismo, Villa Lobos e Corisco foram uma avalanche para os sentidos e que traz consequências até hoje. *Deus e o Diabo* segue atual neste país extremamente violento que emerge do filme e que exige a busca de uma estética revolucionária.

Cabaret Mineiro

(1980), de Carlos Alberto Prates Correia

Conheci Prates em Montes Claros, onde nascemos. Ele morou uma temporada por lá depois de maduro e eu estava visitando minha avó. Foram noites maravilhosas na sua casa, ouvindo sua coleção de

LPs. Ele era um grande conhecedor de uma MPB só sua. Eu já era fã de seus filmes que me transportavam para o universo *roseano* do sertão mineiro, trazendo lembranças da infância dele, que nasceu muito antes de mim, mas que, misteriosamente, eu também compartilhava. Humor e erotismo, ácida crítica social, trilhas sonoras e direção de atores excepcionais, além de humanismo e liberdade de invenção de um cinema só seu, mas universal.

Serras da Desordem

(2006), de Andrea Tonacci

Tonacci veio ao mundo pra desorganizar a forma de fazer filmes e criar sua linguagem singular: *Olho por Olho*, *Blabláblá*, *Bang Bang*, *Já Visto*, *Jamais Visto*, *Serras da Desordem*, documentário e ficção, tempos que se alternam, liberdade estética entre o apuro e a estética da fome, personagens reais que representam as suas próprias histórias, experimentação e independência. Foi um libertário, um *nowhere man* numa *nowhere land*, como Carapirú, seu personagem Avá Guajá que, como muitos indígenas, conviveu com a extrema violência. Viu a sua terra ser invadida por fazendeiros e madeiros, e o seu povo massacrado. Se escondeu durante 10 anos percorrendo 2000 quilômetros para fugir desse trauma até encontrar uma família que o acolhesse. Toda essa história é revivida no filme pelas mesmas pessoas da vida real. Finalmente através da Funai volta para o seu povo ou o que restou dele. Carapirú já não era mais o mesmo e nem os Avá Guajá. Triste Brasil.



Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha

Clarissa Campolina

Bate-papo com a cineasta no dia 30 de agosto



// Filmografia selecionada

Canção ao Longe (2022)

Enquanto Estamos Aqui (2019), em codireção com Luiz Pretti

Girimunho (2011), em codireção com Helvécio Marins Jr.

Notas Flanantes (2009)

Trecho (2006), em codireção com Helvécio Marins Jr.

Mineira de Belo Horizonte, Clarissa Campolina é diretora, roteirista, montadora, curadora e professora de cinema. Ao lado de Marília Rocha, diretora de *A Cidade Onde Envelheço* (2016), e da produtora Luana Melgaço, ela fundou, em 2005, a Anavilhana, produtora que tem “o desejo de articular pesquisa, formação, produção e criação audiovisual”. Campolina também foi parte integrante da TEIA, núcleo de pesquisa e produção audiovisual na capital mineira, de 2002 a 2014, onde realizou documentários, instalações, curtas e longas-metragens.

Formada em Comunicação Social pela UFMG e com pós-graduação em Artes Plásticas na Escola Guignard, desde 2002 realiza projetos na área audiovisual. Ainda estudante, trabalhou como assistente de direção do longa *Samba Canção* (2008), de Rafael Conde. Estreou na direção com o curta-metragem *Trecho* (2006), em parceria com Helvécio Marins Jr., que ganhou os prêmios de melhor filme, fotografia e montagem no Festival de Brasília. Em seguida, fez o média *Notas Flanantes* (2009), que teve sua estreia internacional no 62º Festival Internacional de Locarno (Suíça). O trabalho de pesquisa realizado para o filme deu origem a vídeo-instalação *Rastros - A paisagem invade*, montada em dezembro de 2010 no Centro Cultural CentoeQuatro, em Belo Horizonte. Estreou em longas com *Girimunho* (2011), codirigido com Helvécio Marins Jr., que narra a jornada de duas mulheres, no sertão mineiro, num momento-chave da vida entre a contemplação e a transformação. O filme teve sua pre-

mière internacional no Festival de Cinema de Veneza, e recebeu premiações em Veneza, Mar Del Plata, Nantes, Havana, entre outros.

Após alguns curtas-metragens, que foram exibidos e premiados em festivais nacionais e internacionais, Clarissa lançou, em 2019, o seu segundo longa, *Enquanto Estamos Aqui*, que marca presença na 4ª edição da Mostra *Faróis do Cinema*. Atualmente ela está em fase de finalização do seu próximo longa-metragem: *Suçuarana*.

// Filmes Faróis

“De toda forma, achei muito bom poder parar e pensar sobre os filmes faróis. Não foi fácil, mas achei uma experiência muito rica.”

O Atalante

(*L'Atalante*, 1934), de Jean Vigo

O *Atalante* é um filme que nos ensina que uma construção da narrativa pode estar fundada mais nos sentidos do que na razão. Me encanta ser um filme de afetos, que nos coloca próximos de seus personagens imperfeitos: do velho e exótico Père Jules, com todo seu humanismo e sua capacidade de ser grotesco e belo ao mesmo tempo; e da Juliette e de sua descoberta do prazer e da evidência de que toda autoridade oprime o amor.

Tramas do Entardecer

(*Meshes of the Afternoon*, 1943), de Maya Deren

Muitas perguntas povoaram minha cabeça após ver *Meshes of the Afternoon* aos 23 anos. Não entendia o filme e isso me agradava. A narrativa circular parecia potencializada pela forma do filme: seja na composição dos planos, na escolha e no tempo da montagem, nas trucagens e na interpretação da própria Maya Deren. A invenção filmica deslocou minha forma de ver o mundo e me revelou a relação singular da personagem com o espaço da casa, ora como possibilidade de acolhimento, ora de opressão.

O Bandido da Luz Vermelha

(1968), de Rogério Sganzerla

Um dos filmes representantes do Cinema de Invenção, *O Bandido da Luz Vermelha* me mostrou, entre outras coisas, a potência e a importância da montagem na construção cinematográfica. A partir da conexão e sobreposição de elementos variados e, muitas vezes, opostos, o filme abusa do experimentalismo e explora novas possibilidades da linguagem. Ao lado de Sylvio Renoldi, Sganzerla tem a habilidade de construir uma narrativa dinâmica, vigorosa e disruptiva.

De Certa Maneira

(*De Cierta Manera*, 1975), de Sara Gómez

De Certa Maneira me parece um filme questionador, que rompe limites políticos, sociais e cinematográficos. O filme coloca perguntas fundamentais sobre o lugar da mulher cubana após a revolução, sem nos oferecer soluções fáceis. Para isso, Sara lança mão de diferentes estratégias e ferramentas do cinema, rompendo com a maneira hegemônica de narrar. De maneira viva e livre, o filme mistura ficção e documentário, constrói uma montagem contrastante, com personagens contraditórias e imagens e sons, como em um set de música de improviso. Foi muito prazeroso ver o filme e, “de certa maneira”, renovou meu encantamento com o cinema.

Notícias de Casa

(*News from Home*, 1976), de Chantal Akerman

Notícias de Casa marca um território imaginário que sobrepõe imagens de Nova Iorque e as cartas da mãe da diretora belga, enviadas no período em que a filha estava distante. As palavras maternas, o pedido para que a filha retorne, as notícias da primeira casa, encontram as esquinas da cidade que Chantal resolveu morar. As respostas à carta da mãe não se apresentam no filme em palavras, mas no olhar da cineasta que se relaciona com a paisagem e seus habitantes. Nesse deslocamento entre som e imagem filmada, surgem pensamentos e sensações que habitam o extracampo filmico, nos convidando a imaginar.

Remontagem

(*Reassemblage: From the Firelight to the Screen*, 1983), de Trinh T. Minh-ha

Estava na faculdade quando começou a circular uma cópia em DVD do filme *Reassemblage* com uma legenda caseira para português. A cópia era



Enquanto Estamos Aqui, de Clarissa Campolina

bem ruim, mas ele ficou guardado na minha memória. Logo no início do filme, escutamos a voz da multiartista vietnamita Trinh T. Minh-ha: “Não quero fazer um filme sobre, quero fazer um filme ao lado”, em seguida, ela se pergunta sobre o que é o filme. Achei libertador ver um documentário onde a documentarista, ao reconhecer a distância entre ela e suas personagens, promove um encontro com um mundo que não é o dela, sem ter a pretensão de falar sobre o Senegal e seu povo, com o intuito de se colocar em relação, criando um filme que só poderia existir a partir do processo de sua realização.

Sem Teto, Sem Lei

(*Sans Toi Ni Loi*, 1985), de Agnès Varda

Foi no Cine Humberto Mauro que assisti ao filme *Sem Teto, Sem Lei*, programado pela Mostra de Cinema Forum.Doc.BH, dois espaços de exibição na minha cidade que me formaram enquanto cineasta. Mona, interpretada por Sandrine Bonnaire, é uma personagem feminina marginal, forte, presente, viva e extremamente livre. Uma personagem sem objetivo ou causa, que não se guia pelas regras ou pela moral do mundo. Tanto a personagem quanto o próprio filme de Varda nos interpela a todo o momento com as perguntas: o que é ser uma mulher livre? Como é possível sermos livres?

Filhas do Pó

(*Daughters of the Dust*, 1991), de Julie Dash

Assisti a *Filhas do Pó* durante a pandemia e foi como um presente. A vibração e inventividade do filme me abriram muitas portas criativas e renovaram meu desejo de ser cineasta. Baseado em histórias reais, o filme retrata o momento estadunidense pós-escravização, subverte a narrativa clássica

norte-americana, e traz para a tela histórias apagadas da narrativa oficial. Alterando pontos de vista e lidando com o tempo de maneira não linear, Julie Dash narra experiências distintas de mulheres negras de uma mesma família a partir do olhar de uma menina que ainda não nasceu.

A Hora Vagabunda

(1998), de Rafael Conde

A Hora Vagabunda é um filme jovem e vigoroso, que coloca questões do fazer cinema em Belo Horizonte, dialogando, ao mesmo tempo, com a cidade e com os artistas que nela vivem. Assisti ao curta em 1998, antes de trabalhar com Rafael, e, para mim, ver Belo Horizonte no cinema não só me mostrou que era possível filmar o meu entorno, como alimentou meu desejo de fazer cinema.

Ao Caminhar Entrevi Lampejos de Beleza

(*As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty*, 2000), de Jonas Mekas

A proposta artística de Mekas sempre me inspirou: seja pela evidente ligação entre o fazer cinema e a vida cotidiana; seja pela possibilidade de encontrar no ordinário o extraordinário; seja pela afirmação de fazer dessa prática um gesto político, conectado com um mundo extracampo e com toda uma comunidade. Lá se vão 10 anos da última vez que vi ...*Lampejos de Beleza*, quando, entre contrações, esperava a chegada do meu filho, Theo. Lembro-me de passar os olhos na prateleira dos DVDs e de parar nos *Diários* de Mekas. Não tivemos dúvidas. Não só por ser o seu diário mais longo, mas também por trazer essas imagens intensas e fugidias feitas ao longo de toda uma vida.

Helena Ignez

Bate-papo com a cineasta no dia 30 de agosto



// Filmografia selecionada

A Alegria é a Prova dos Nove (2023)

A Moça do Calendário (2017)

Ralé (2015)

Feio, eu? (2013)

Luz nas Trevas – A Volta do Bandido da Luz Vermelha (2010)

Canção de Baal (2007)

Atriz e cineasta, Helena Ignez é um dos principais rostos do cinema brasileiro, desde o Cinema Novo ao Cinema Marginal até a sua transformação nos anos 2000 como realizadora, ela perpassou a todas as mudanças estéticas e formais permanecendo autoral e de grande talento atrás e à frente das câmeras. O cinema brasileiro é atravessado e também marcado por sua forte presença.

O início de carreira ocorre no teatro, em Salvador, onde conhece e se casa com o cineasta Glauber Rocha. É exatamente através de Rocha que acontece sua estreia cinematográfica no curta-metragem *Pátio* (1959), uma obra experimental influenciada pelo concretismo em que um casal interage como num tabuleiro de xadrez. Dois anos depois atua em *A Grande Feira*, de Roberto Pires, e passa a figurar em inúmeras produções autorais do período, como o sucesso comercial *Assalto ao Trem Pagador* (1962), de Roberto Farias, e *O Padre e a Moça* (1966), de Joaquim Pedro de Andrade.

O segundo momento em sua trajetória ocorre por intermédio de seu encontro com duas figuras seminais do cinema *udigrudi* brasileiro: Julio Bressane e Rogério Sganzerla. Com este se casa e forma uma das maiores parcerias dentro e fora das telas, que rende obras-primas, como *O Bandido da Luz Vermelha* (1968) e *A Mulher de Todos* (1969). Juntos fundam a produtora Belair, um verdadeiro divisor de águas na produção autoral no país: filmes de baixo orçamento, rodados de maneira rápida e que eram arrojados tanto em forma quanto conteúdo

quebrando, definitivamente, paradigmas.

Já nos anos 2000, Ignez abraça a realização cinematográfica, mas nunca deixa de lado a atuação, trabalhando tanto em produções próprias quanto em obras dirigidas por outros autores, entre elas *Antes do Fim* (2017), de Cristiano Burlan, e *Helena de Guaratiba* (2023), de Karen Black. Em 2005, nasce seu primeiro curta, *A Miss e o Dinossauro*, um filme em que resgata imagens preciosas da Belair não apenas como um simples registro, mas com uma tentativa de refletir sobre o passado e o presente do cinema. O primeiro longa chega em 2007 com *Canção de Baal*, baseado numa peça de Bertold Brecht, em que une lirismo poético com anarquias estéticas, sem amarras formais. A voz da atriz e a expressão de seu corpo tomam forma e ganham o reforço do olhar e o discurso da realizadora. Agora também luz e guia, como um farol, para jovens autoras do cinema brasileiro.

// Filmes Faróis

“Para uma feminista não é fácil escolher os melhores de uma arte que começou predominantemente masculina.”

Quanto Mais Quente Melhor

(*Some Like It Hot*, 1959), de Billy Wilder

Além do humor perspicaz e imensa capacidade artesanal do diretor e do filme, apresenta Marilyn Monroe, grande ícone da atuação cinematográfica, gênica trágica, a quem dedico todo o amor como inspiração inaugural do meu trabalho de atriz.

Acossado

(*À Bout de Souffle*, 1960), de Jean-Luc Godard

Godard muda a linguagem cinematográfica com um filme de grande personalidade e inquietação. Godard transforma-se em *God-art*, o Deus da arte cinematográfica moderna, trazendo o experimental como linguagem transformadora.

Deus e o Diabo na Terra do Sol

(1964), de Glauber Rocha

É um filme genial que chegou chegando com uma energia telúrica, única, louca, musical e muito cinematográfica.

O Bandido da Luz Vermelha

(1968), de Rogério Sganzerla

Como Godard, Rogério é um criador e transformador da linguagem cinematográfica, não só brasileira, como mundial. Além disso, esse filme sofisticado e popular levou na sua estreia três milhões de espectadores ao cinema.

Bacurau

(2019), de Kleber Mendonça Filho

Seguindo a tradição do bom cinema brasileiro, *Bacurau* é sofisticado e popular.



Quanto Mais Quente Melhor, de Billy Wilder



A Alegria é a Prova dos Nove, de Helena Ignez

*Lai's
Podanzky*



// Filmografia selecionada

A Viagem de Pedro (2019)
Como Nossos Pais (2017)
As Melhores Coisas do Mundo (2010)
Chega de Saudade (2007)
Bicho de Sete Cabeças (2001)
Cartão Vermelho (1994)

Diretora, produtora e roteirista. Nascida em São Paulo, Laís Bodanzky é filha do cineasta Jorge Bodanzky – que entre outros filmes dirigiu o clássico *Iracema – Uma Transa Amazônica* (1974). Antes de seguir os passos do pai na realização cinematográfica, ela teve aulas de atuação e se formou em Cinema pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). As suas primeiras experiências atrás das câmeras foram com pequenas produções, como *Desliga esse Troço* (1993), e o curta-metragem *Cartão Vermelho* (1994), em que narra a história de uma garota vidrada em futebol que anda com um grupo de meninos, e acaba por entrar em uma jornada de descoberta com seu corpo e sexualidade.

Em 1996, Laís se juntou ao sócio e roteirista Luiz Bolognesi, e desenvolveram o Cine Mambembe, onde viajaram pelo interior do Brasil, exibindo curtas brasileiros em praças públicas. Essa viagem gerou um documentário, intitulado *Cine Mambembe – O Cinema descobre o Brasil* (1998). Mas é o projeto seguinte, *Bicho de Sete Cabeças* (2001), seu primeiro longa de ficção, que estabelece Bodanzky como uma cineasta autoral e madura em um drama que promove um dos mais intensos estudos de personagens nas últimas décadas, em que um jovem é colocado contra a vontade em um manicômio. A produção recebeu diversos prêmios e se transformou numa carta de princípios da diretora, que vai desenvolver seu trabalho com olhar particular as relações interpessoais, de diferentes faixas etárias, a partir de dramas universais.

Em março de 2011, Bodanzsky respondeu ao crítico Carlos Alberto Mattos sobre os seus Faróis no cinema para a revista Filme Cultura: “Quando assisti ao documentário *Apocalypse de um Cineasta/Hearts of Darkness: a Filmmaker’s Apocalypse*’ (1991), vi no experiente Coppola a crise da criação e, mesmo ainda amadora na profissão, eu me identifiquei profundamente com a dor dele e pensei com meus botões ‘será que eu vou aguentar esta vida?’. E não deu outra, no meu terceiro longa (*As Melhores Coisas do Mundo*) a dor da criação é a mesma”.

Laís também aprendeu sobre realização cinematográfica apresentando filmes no projeto social intitulado *Cine Tela Brasil*, que exibiu, durante anos, obras, de maneira gratuita, em diversas cidades brasileiras. O programa itinerante levou mais de um milhão de pessoas ao cinema, a maioria pela primeira vez, fomentando a sétima arte nacional e formando espectadores.

// Filmes Faróis

Iracema - Uma Transa Amazônica

(1974), de Jorge Bodanzky e Orlando Senna
Este filme quanto mais assisto mais me surpreendo pela ousadia da linguagem e pela temática (infelizmente) atual. Lembro-me do filme sendo projetado na parede de casa e seguido de intensos debates; eu era muito pequena e não entendia sobre o que falavam, mas me parecia importante. (N.R. Laís é filha de Jorge Bodanzky).

A Hora da Estrela

(1985), de Suzana Amaral
Cinema de verdade, sobre a verdade, com muita ficção. Sem dúvida, este filme influenciou o meu cinema, principalmente *Bicho de Sete Cabeças*.

La Boum - No Tempo dos Namorados

(*La Boum*, 1980), de Claude Pinoteau
Um filme francês que assisti quando tinha 13 anos que me colocou adolescente na tela e me fez rir de mim mesma.

A Família

(*La Famiglia*, 1987), de Ettore Scola
Scola é o pai que acolhe todos os seus personagens, sem esquecer-se de nenhum e com o mesmo carinho por todos.

Meu Gato Sumiu

(*Chacun Cherche son Chat*, 1996), de Cédric Klapisch
Outro francês que me despertou para o cinema de busca das personagens.

Trainspotting: Sem Limites

(*Trainspotting*, 1996), de Danny Boyle
Para suportar a barra pesada, só sendo *pop*.

O Ilusionista (*De Illusionist*, 1983), de Jos Stelling

Um dia vou fazer um filme assim. (N.R. Um filme de pantomima, sem diálogos)



Iracema, uma Transa Amazônica, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna



Como Nossos Pais, de Laís Bodanzky

Luciana Pezerra

Bate-papo com a cineasta no dia 31 de agosto



// Filmografia selecionada

A Festa de Léo (2023), em codireção com Gustavo Melo

7 Cortes de Cabelo no Congo (2022), em codireção com Gustavo Melo e Pedro Rossi

5x Favela: Agora Por Nós Mesmos (2010). Episódio: Acende a Luz

Mina de fé (2004)

Cineasta e roteirista, Luciana Bezerra nasceu na favela do Vidigal, Rio de Janeiro. Em 1992, começou a estudar teatro no grupo Nós do Morro, participando de várias montagens como atriz, figurinista, diretora, escritora e roteirista. Descobriu nesse momento a sua paixão por contar histórias e seguiu carreira artística. Fez estágios nas áreas de assistência de direção e produção, pesquisa e colaboração em roteiros, e participou da pesquisa de elenco e oficina de atores para o filme *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund.

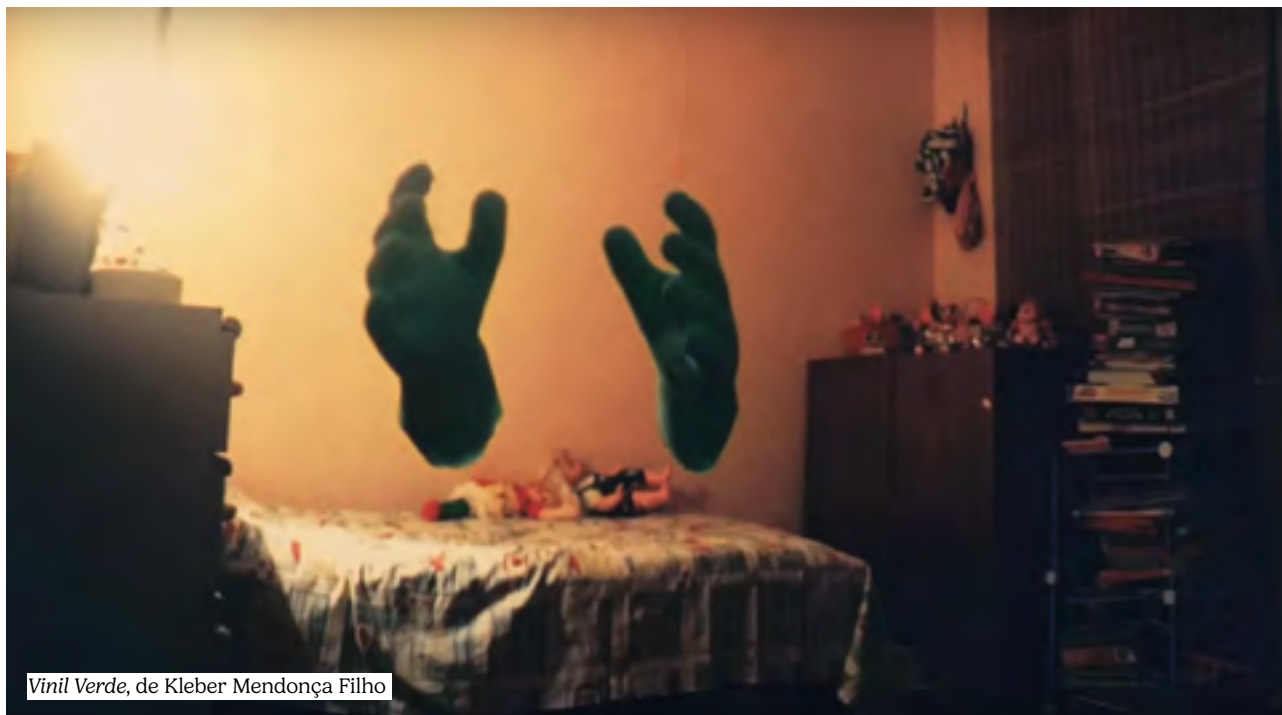
O ponto-chave em sua carreira como realizadora está na realização do curta-metragem *Mina de Fé* (2004). Rodado em 35mm, o filme já demonstra seu olhar autoral para o espaço da favela em uma temática que vai desenvolver em seguida ao colocar o “povo em cena”. O prêmio de melhor curta no Festival de Brasília e a passagem da obra por mais de dez países referendam e pavimentam a continuidade do trabalho. Em sequência participa e se destaca no longa-metragem coletivo e colaborativo *5x Favela: Agora Por Nós Mesmos* (2010), produzido por Cacá Diegues com o objetivo de revelar novos cineastas. O seu episódio, *Acende a Luz*, no projeto é bastante criativo e se utiliza do humor para refletir sobre estereótipos da sociedade.

É autora do livro *Meu Destino Era o Nós do Morro* (Ed. Aeroplano), uma coleção de memórias do grupo Nós do Morro pela sua ótica como coordenadora audiovisual do projeto. Em 2012, participou da Rio Occupation London, projeto cultural das Olimpíadas

de Londres que levou para a cidade artistas brasileiros a fim de criar intervenções artísticas. Nessa ocasião, Luciana criou o projeto Diário London. Foi também colaboradora em roteiros, como *Praça Paris* (2017), de Lúcia Murat e *Tinted Glass* (2017), de Shmuel Perl; e integrou a equipe de direção da série *How to be a Carioca*, ao lado de Carlos Saldanha, Renê Sampaio e Joana Mariani.

Nos últimos anos, dirigiu um documentário, *7 Cortes de Cabelo no Congo* (2022), que recebeu o prêmio da categoria no Olhar de Cinema, em Curitiba. E estreou no Festival do Rio seu primeiro longa de ficção, *A Festa de Léo* (2023).

// Filmes Faróis



Vinil Verde, de Kleber Mendonça Filho

Quais são os filmes faróis que foram importantes na sua formação como cinéfila e cineasta?

Essa é uma pergunta difícil para quem ama cinema. Para quem o cinema foi desde sempre sua janela para o mundo, para quem com certeza o cinema foi farol e apontou caminhos. Então resolvi citar alguns dos filmes que não só fizeram minha cabeça de jovem amante da sétima arte, mas também fizeram e fazem parte de minha multiplicação de saberes artísticos. São eles: o conjunto de curtas do Kleber Mendonça Filho (*A Menina Do Algodão*; *Vinil Verde*; *Eletrodoméstica*; *Noite De Sexta, Manhã de Sábado*); o longa *Um Trem para as Estrelas*, de Cacá Diegues; e *Um Céu de Estrelas*, de Tata Amaral. Estes foram os primeiros que pensei. E depois resolvi acrescentar o curta *O Dia em que Dorival encarou a Guarda*, de Jorge Furtado e José Pedro Goulart, *Esse Mundo é Meu*, de Sérgio Ricardo, *Cuidado Madame*, de Julio Bressane, *Ladrões de Bicicletas*, de Vittorio de Sica, *Ligadas pelo Desejo*, das irmãs Lilly e Lana Wachowski, *O Pântano*, de Lucrecia Martel, e *Dez*, de Abbas Kiarostami – os quatro últimos como os representantes estrangeiros a se juntar numa lista de filmes que fizeram a minha cabeça e que fazem ainda hoje. Se pensarmos esta-

mos passeando aqui pelo neorealismo italiano em um filme de 1948, o Cinema Novo com um filme de 1964 e vamos seguir com filmes dos anos 90 até a metade dos anos 2000.

Eu iniciava meus estudos cinematográficos em 1995 com a Retomada do Cinema Brasileiro. E tinha que ter, em especial, a esperança em um cinema do futuro, e meus mentores, Rosane Svartman e Vinícius Reis, para isso me apresentaram o passado do cinema e um cinema mundo, para além da esfera estadunidense, que costumava chegar até aqui. E assim fui construindo minha própria maneira de enquadrar o mundo e contar minhas histórias.

O que há em comum nesses filmes que fizeram a minha cabeça? Personagens reais, normalmente marginalizados, negados de sua própria história que nessas obras ganham voz, corpo, espaço, sentimento, subjetividade e importância. E são esses personagens que inspiram meu cinema e a minha vontade de colocar o povo em cena, com enfoque especial nos dramas pessoais, familiares e femininos. Aspirando eu mesma ser Farol para um cinema futuro, que se desenvolve na interlocução do desenvolvimento cultural de seu próprio país. Buscando uma identidade brasileira diversa e verdadeira.



A Festa de Léo, de Luciana Bezerra

Marina Meliande

Bate-papo com a cineasta no dia 7 de setembro



// Filmografia selecionada

Mormaço (2018)

A Alegria (2010), em codireção com Felipe Bragança

A Fuga da Mulher Gorila (2009), em codireção com Felipe Bragança

Cineasta, roteirista, produtora e montadora,

Marina Meliande nasceu no Rio de Janeiro. Formada em Cinema pela Universidade Federal Fluminense e com mestrado em Cinema e Artes Contemporâneas pelo Le Fresnoy, na França. Como realizadora, Meliande surgiu no cenário, em 2003, com o curta-metragem *Por Dentro de uma Gota D'água*, iniciando sua longa parceria em codireção com Felipe Bragança. O filme se desenvolve a partir de um trecho de um poema de Mario Quintana e traz alegorias políticas e poéticas – vencedor do prêmio de direção no Festival de Brasília, a obra lança o olhar para os então jovens cineastas cariocas.

A parceria com Bragança se estendeu por curtas, longas e obras coletivas a partir da criação da produtora Duas Mariola Filmes. Em sequência, vieram *O Nome Dele (O Clóvis)*, de 2004; e o longa de estreia da dupla intitulado *A Fuga da Mulher Gorila* (2009), no qual promovem um exercício de linguagem em que mesclam gêneros e formatos num *road movie* de grande liberdade narrativa, com ecos de cinema marginal. Lançado no Festival de Locarno, terreno fértil para experimentações contemporâneas, a obra recebeu o prêmio do júri no Festival de Tiradentes.

Em 2010, *A Alegria*, exibido na Quinzena dos Realizadores de Cannes, continua a investigação de apropriação de gênero e metalinguagem para refletir sobre o cotidiano de jovens por intermédio do cinema fantástico. Com arroubos estéticos e muitas referências, o filme é provocador e experimen-

tal com as características de autoria que vão permear a obra posterior de ambos realizadores. E fechando esse período de grande produção que compõe a trilogia *Coração no Fogo*, Marina integra o filme coletivo *Desassossego* (2011), que parte de uma carta escrita por Bragança e enviada a diferentes autores para que construíssem seus trabalhos a partir de uma interpretação particular das palavras, cujos temas revolvem em torno de amor, utopia e apocalipse.

Uma das funções de destaque de Meliande é a montagem cinematográfica. Ela já participou como montadora de mais de 40 produções, entre curtas, médias e longas, como *O Olmo e a Gaivota* (2014), de Petra Costa, *Pendular* (2017), de Julia Murat, e *Girimunho* (2011), de Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr.

A estreia solo em longa-metragem acontece com *Mormaço* (2018), em exibição nos *Faróis do Cinema*, cuja narrativa transita entre o realismo e a alegoria, exatamente aos moldes dos filmes anteriores, mas com uma aproximação direta ao *body horror* – um subgênero do terror que lida diretamente com alterações gráficas e psicológicas do corpo humano. E é a partir do gênero, que ela constrói uma obra singular, tanto em forma quanto conteúdo.

// Filmes Faróis

O Bandido da Luz Vermelha

(1968), de Rogério Sganzerla

Quando me perguntaram por um filme farol, entre tantos que compuseram meu vocabulário cinematográfico, pensei imediatamente em *O Bandido da Luz Vermelha* e na primeira vez em que entrei em contato com o cinema genial de Rogério Sganzerla. Aos 16 anos, eu ainda não sabia que era possível inventar um cinema autoral que dialogasse tanto com a cultura popular, e esse ingênuo antagonismo se rompeu pra mim. Me encantou a forma como Rogério trabalhava o cinema de gênero e as referências do cinema norte-americano de uma maneira escrachada, com humor, reinventando por dentro dele todo um pensamento sobre o que era ser um país terceiro-mundista olhando para sua história e seus

personagens reais. Pois *O Bandido da Luz Vermelha* é um personagem que sai das páginas policiais cotidianas para o Cinema, de um Brasil sensacionalista dos anos 70, tensionado pela violência. A partir do pensamento estético de Rogério, eu também quis pensar como podíamos reformular alguns gêneros sem nos prender em suas convenções e necessidades de classificação. Ele me inspirou a pensar a mistura entre diferentes vocabulários, o que de alguma forma é o que proponho em *Mormaço*, a partir do desejo de trabalhar o *thriller*, o *body horror* e imagens documentais, para então seguirmos pensando em como habitar as grandes cidades desse país, em constante transformação, ainda tão desiguais, mas igualmente fascinantes. “O Terceiro Mundo vai explodir, quem tiver de sapato não sobra!”



O Bandido da Luz Vermelha, de Rogério Sganzerla



Mormaço, de Marina Meliande

Patrícia Niedermeyer

Bate-papo com a cineasta no dia 6 de setembro



// Filmografia selecionada

Ensaíos sobre Yves (2024)

Não sei Quantas Almas Tenho (2023), codireção com Cavi Borges

Mulheres em Auschwitz – Escritas da Resistência (2023), codireção com Regina Miranda

Salto no Vazio (2019), codireção com Cavi Borges

Atriz, bailarina, diretora e performer. Patrícia Niedermeier nasceu no Rio de Janeiro. Graduada em dança na faculdade Angel Vianna. Integrou as companhias de Dança Márcia Rubin e Frederico Paredes, e integra a Cia Atores e Bailarinos do Rio de Janeiro, dirigida por Regina Miranda, desde 2001, pela qual participou de diversos festivais internacionais e nacionais.

Trabalhou com diversos diretores de cinema e teatro como Antônio Abujamra, Rubens Corrêa, Gerald Thomas, Jefferson Miranda e Antônio Carvalho, dentre outros.

Dirigiu e atuou, junto com Cavi Borges, nos filmes *Salto no Vazio* (2019), *O Cinema é Minha Vida* (2021) e *Reviver* (2019), que ganhou o prêmio de melhor roteiro no Festival Guarnicê de Cinema-MA. Atuou nos seguintes longas: *Um Filme Francês* (2015) e *Fado Tropical* (2020), de Cavi Borges; *Orlando* (2012), de Alexandre Rudah; *Estamos Vivos* (2016), de Filipe Codeço; e *Guerra do Paraguai* (2017), *Dois Casamentos* (2014) e *Os Príncipes* (2018), todos com direção de Luiz Rosemberg Filho, tendo recebido o prêmio de melhor atriz no Cine PE 2018. Atuou também na minissérie *Giga* (2021) e no longa *Espumas ao Vento* (2024), ambos de Taciano Valério.

Salto no Vazio, em exibição nos *Faróis do Cinema*, é um longa-metragem experimental que embaralha as linhas entre ficção e documentário ao combinar cinema, dança e fotografia. Revela também o interesse da realizadora em obras que vão de Maya Deren até Jonas Mekas.

Em 2023, a cineasta voltou a direção, novamente com Cavi Borges, no longa *Não Sei Quantas Almas Tenho* (2023), que promove uma incursão no cinema fantástico entre citações literárias e o amor eterno dos vampiros; e no documentário *Mulheres em Auschwitz – Escritas de Resistência* (2023), em codireção com Regina Miranda, em que o trágico episódio do Holocausto é revisitado de modo íntimo e teatral através do ponto de vista de uma mulher refletindo sobre sua passagem pelo campo de extermínio e, assim, sua própria vida e existência. O roteiro é baseado em textos e objetos de mulheres que viveram os horrores da guerra. O seu próximo projeto como diretora já está finalizado e deve estreitar em breve: *Ensaíos sobre Yves* (2024), que parte da obra de Yves Klein para fundir experimentações cênicas.

// Filmes Faróis

“Quando comecei a fazer minha lista de filmes, lembrei do livro de Umberto Eco “A Vertigem das Listas”: “O resultado dessa caçada foi prodigioso, de dar vertigem....” Em vertigem, escolhi os filmes que me iluminam no meu percurso no cinema e me inspiram a seguir criando. “O artista que tenta elaborar uma lista, mesmo parcial, de todas as estrelas do universo quer de certa forma fazer pensar nesse infinito objeto”

As Praias de Agnès

(*Les Plages D’Agnès*, 2008), de Agnès Varda

Descobrir algo sobre si mesma. Descobrir algo sobre o cinema. Esse ponto de partida de *As Praias de Agnès*, uma viagem autobiográfica que transita entre o documentário e ficção me encantou. ‘Se você abrir uma pessoa, irá achar paisagens. Se me abrir, irá achar praias’. Essa geografia afetiva que começa numa praia com os espelhos voltados para Varda e para as pessoas que amou, conheceu e participaram de sua formação como artista me inspirou profundamente. A possibilidade e beleza de refazer o percurso da vida e o processo criativo com fotografias, cenas de filmes, entrevistas, lugares, propostas encenadas, criando um poderoso diálogo com as artes visuais.

Os Incompreendidos

(*Les Quatre Cents Coup*, 1959), de François Truffaut
Em *Os Incompreendidos*, a história é carregada de traços autobiográficos de Truffaut e a mistura real/ficcional me interessa muito. Gosto de transitar nessas fronteiras que na verdade são fluidas. O menino Antoine Doinel e Paris são as personagens do filme. As filmagens não ocorrem em estúdios, mas nas ruas, com planos abertos e cenas documentais de Paris - outro recurso que também me toca muito e gosto de explorar em nossos filmes de viagem. Para além das questões de linguagem cinematográfica que o filme propõe, eu sinto em *Os Incompreendidos* o amor e paixão de Truffaut pelo cinema em todos os detalhes do filme.

Elena

(2012), de Petra Costa

Elena é um documentário extremamente pessoal, um mergulho corajoso em memórias dolorosas. O filme não é uma investigação apenas sobre a personagem-título, mas também sobre a realizadora, que é atravessada visceralmente pela perda da irmã. Explorando a linguagem cinematográfica, o filme constrói uma ponte entre o pessoal e o universal mergulhando em temas ontológicos como a morte /suicídio e feminino. Isso é muito precioso para mim.

A Entrevista

(1966), de Helena Solberg

Equipada com um gravador que ela mesma operava, Solberg entrevistou 70 mulheres. As entrevistas incluem as aspirações e incertezas das mulheres na época. Achei muito interessante como ela usou essas entrevistas em oposição ao sentido da imagem, que acompanha todo o ritual da noiva no dia do casamento. Enquanto os discursos desconstruem os conceitos de casamento romântico, a performance da noiva revela, num efeito crítico, o contrário. A oposição, a divergência entre discurso e imagem me fez refletir bastante sobre como pode ser interessante investigar essa relação.

Hiroshima, Meu Amor

(*Hiroshima, mon amour*, 1959), de Alain Resnais

Me lembro da sensação arrebatadora de assistir a primeira cena de *Hiroshima, Meu Amor*. Os corpos dos amantes cobertos de cinzas, fazendo gestos de



As Praias de Agnès, de Agnès Varda

amor e, simultaneamente, interligados com a pele queimada das vítimas do ataque atômico. *Hiroshima, Meu Amor* é um filme que apresenta uma dupla dimensão: uma íntima e outra histórica. A combinação do texto de Duras com a mistura de imagem, som e música de Resnais me impactou profundamente. A possibilidade de juntar literatura e cinema de forma tão potente me apaixonou.

Vídeo Cartas

(*Walden: Diaries, Notes and Sketches*, 1974), de Jonas Mekas

Gosto do desafio de Mekas de filmar o que está acontecendo no momento presente. O filme como um diário, um exercício diário, livre para investigar o tempo presente e sua essência. A câmera como prolongamento do corpo que produz imagens no desejo de olhar a vida e sua complexidade. A possibilidade de adicionar imagens às cartas me entusiasmou para a pesquisa de um cinema autoral. Em *Salto no Vazio*, meu primeiro longa com Cavi Borges, acompanhamos as trocas de vídeo-cartas de dois artistas viajando pelo mundo. Essa estrutura foi libertadora para mim.

O Espelho

(*Zerkalo*, 1975), de Andrei Tarkovsky

Quando assisti *O Espelho* pela primeira vez fiquei muito impactada com o mergulho que o filme faz na memória e nos sonhos embaralhando história e subjetividade. Muitas camadas se desdobram e interagem de forma sensorial e poética numa experiência especialmente cinematográfica. *O Espelho* é um filme que reverbera em mim reforçando o desejo de Tarkovsky: esculpir e imprimir o tempo.

Tramas do Entardecer

(*Meshes of the Afternoon*, 1943), de Maya Deren

O cinema de Maya Deren é um cinema obsessivo na sua busca pelo corpo, pelo desejo do corpo no mundo. A ação física cria uma pista por onde as imagens deslizam criando um lugar de permanente diálogo entre os corpos e o corpo do cinema. *Tramas do Entardecer* é um dos filmes experimentais independentes mais importantes produzidos no século XX, sendo um Farol na minha caminhada no cinema. Ao acreditar no cinema como forma de arte e investigar profundamente a relação do corpo com a câmera, Maya me inspira a criar todos os dias.

Susanna Lira

Sessão especial de abertura



// Filmografia selecionada

Fernanda Young – Foge-me ao Controle (2024)

Nada Sobre Meu Pai (2023)

Mussum, um Filme do Cacildis (2018)

Meu Corpo é Mais (2018)

Damas do Samba (2015)

Torre das Donzelas (2015)

Positivas (2009)

Cineasta, produtora e roteirista. Susanna Lira é graduada em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso, especialista em Biopolítica Criminal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialista em Filosofia pela Universidade Candido Mendes e especialista em Direito Internacional e Direitos Humanos pela Universidade Candido Mendes. É também Mestranda em Psicanálise. Como realizadora já dirigiu mais de 40 produções, entre longas-metragens, curtas, telefilmes e séries, acumulando mais de 100 prêmios em festivais no Brasil e no exterior.

Nos últimos 25 anos, Susanna é uma das realizadoras com mais títulos produzidos e lançados no audiovisual brasileiro. Trabalha, de maneira inesgotável, nos mais diferentes formatos de ficção e documentário, e transita perfeitamente entre o universo popular/comercial e o artístico construindo uma assinatura autoral que dialoga tanto com o público quanto a crítica. Não à toa tem produções na televisão, *streaming* e percorrendo festivais. Ela se transformou, com o passar do tempo, em uma diretora com uma das mais interessantes e extensas filmografias, desde retratos biográficos, como na minissérie *Casão - Num Jogo Sem Regras* (2022), sobre o ex-jogador Casagrande, e *Mussum, um Filme do Cacildis* (2018) até a documentários sobre temas reflexivos na contemporaneidade, entre eles *Torre das Donzelas* (2015), em que um grupo de mulheres revisita o nefasto período de aprisionamento durante a ditadura militar; e *Intolerância. Doc* (2016), no qual

investiga o que motiva os crimes de ódio no Brasil.

No curta-metragem *Uma Visita Para Elisabeth Teixeira* (2011), que ela relembra em sua participação nesta edição de *Faróis do Cinema*, demarca uma das principais referências para seu trabalho como realizadora no cinema de Eduardo Coutinho: o documentário revisita a personagem principal da obra-prima *Cabra Marcado Para Morrer* (1985). É um olhar singelo e de força documental entre a memória e a resistência, que permanece por toda a filmografia de Lira.

O seu próximo trabalho para o cinema será *#SalveRosa* em que promove uma incursão no gênero para debater sobre a exposição desenfreada de criadores de conteúdo para as redes sociais.

// Filmes Faróis

Anna dos 6 aos 18

(*Anna ot 6 do 18*, 1994), de Nikita Mikhalkov

A Parte dos Anjos

(*The Angels' Share*, 2012), de Ken Loach

Cabra Marcado Para Morrer

(1985), de Eduardo Coutinho

As Cinco Obstruções

(*De fem benspænd*, 2003), de Lars von Trier e Jorgen Leth

Meu Nome é Joe

(*My Name is Joe*, 1998), de Ken Loach

Promessas de um Novo Mundo

(*Promises*, 2001), de B.Z. Goldenberg, Justine Shapiro e Carlos Bolado

Cabra Marcado Para Morrer

Aos 17 anos, na sala de aula de uma faculdade de Comunicação, eu assisti a *Cabra Marcado Para Morrer*, filme do diretor Eduardo Coutinho. Eu não tinha consciência do que era uma obra documental, mas aquele formato me fez embarcar na história de uma forma muito peculiar. Saí da sala atravessada pela história de João Pedro Teixeira e pela família dele, especialmente sua mulher Elizabeth Teixeira, uma filha de um latifundiário que se apaixona por um camponês pobre e embarca na luta pela terra junto com ele, comprando uma guerra com a família do pai, que perdura até hoje. A companheira do “cabra marcado para morrer” virou uma referência no ativismo do campo e sua história me inspirou a querer fazer documentários, ou melhor fazer do cinema documental a razão da minha própria existência. Em 2011, quase 30 anos após Eduardo Coutinho ter concluído o filme, eu estive com Dona Elizabeth, e desse encontro surgiu o filme *Uma Visita Para Elizabeth Teixeira*. Esse curta-metragem é o resultado de um encontro, mas principalmente um alerta sobre a importância de construir memória através do audiovisual. Décadas depois, a protagonista de *Cabra Marcado Para Morrer* ainda reivindicava do governo federal a reforma agrária no país. Em filmes diferentes, com décadas de distância, uma mulher que viu seu marido morrer na luta pela terra, ainda mantinha o mesmo discurso. Nada tinha mudado no país e a questão da terra continuava urgente e perigosa. E nós, documentaristas, estávamos registrando o tempo, a memória e lutando contra a invisibilidade de causas e pessoas que estavam no front das lutas sociais fundadoras da consciência de quem somos como brasileiros.



Fernanda Young - Foge-me ao Controle, de Susanna Lira

Teté Moraes

Bate-papo com a cineasta no dia 6 de setembro



// Filmografia selecionada

Família de Axé (2019)

O Sol – Caminhando contra o Vento (2006)

Terra Para Rose (1987)

Lages, a Força do Povo (1982)

Jornalista, cineasta, roteirista e produtora,

Tetê Moraes nasceu no Rio de Janeiro. Formada em Direito pela UFRJ em 1966, ela iniciou sua carreira profissional como diagramadora no jornal *O Sol*, que depois foi tema de um dos seus documentários, e integrou o Ministério das Relações Exteriores. Após o decreto do AI-5, Moraes foi presa durante a ditadura militar e exilou-se no Chile, Estados Unidos, Portugal e França. Fez mestrado de Comunicação Social na American University. Retornou ao Brasil, em 1979, devido a um processo instaurado de anistia para exilados políticos. Tornou-se, então, professora de Comunicação Social na Universidade PUC/RJ. Foi membro do Conselho Superior de Cinema e faz parte de entidades como ABRACI (Associação Brasileira de Cineastas) e DBCA (Diretores Brasileiros de Cinema e Audiovisual).

A estreia no cinema acontece com *Aulas e Azeitonas* (1976), filmado em Portugal, sobre a ocupação de uma quinta no Alentejo. Em seguida, realiza o curta *Quando a Rua Vira Casa* (1981). Rodado em 16 mm, o filme registra o bairro carioca do Catumbi e reflete sobre como o planejamento urbano afeta o cotidiano dos moradores. Já no ano seguinte consegue realizar o seu primeiro longa-metragem, *Lages, a Força do Povo*, em que documenta a experiência de participação popular na administração do município catarinense. Tetê também dirigiu e produziu uma série de documentários para a BBC de Londres e outros canais europeus tendo o Brasil como temática. O grande destaque é a minissé-

rie *Brazil, Brazil* (1985).

A consagração como cineasta chega com o lançamento de *Terra para Rose* (1987), um dos mais importantes documentários da História do cinema brasileiro. Com narração da atriz Lucélia Santos, o filme apresenta a luta pela reforma agrária. O projeto começou quando a diretora pesquisava para um longa sobre mulheres e a questão agrária. Ela se deparou com um imenso acampamento de ocupantes na Fazenda Annoni, no Rio Grande do Sul. Nesse local, conheceu e se encantou pela combativa lavradora Roseli Seleste Nunes da Silva e decidiu registrar o contexto de sua luta e martírio. A obra foi vencedora do Festival de Brasília e Havana. Dez anos depois, Moraes retoma os personagens e a questão agrária em *O Sonho de Rose* (2000): apresenta experiências bem-sucedidas de assentamento e progresso a partir do Movimento dos Sem-Terra (MST).

Já o longa *O Sol – Caminhando contra o Vento* (2006) documenta o nascimento do jornal-escola de resistência à ditadura militar. Apesar de rápida existência, ele revelou grandes nomes da imprensa e seu trabalho ainda repercute em termos políticos e gráficos no mercado. Em 2019, lança nos Festivais de Brasília e do Rio o documentário *Família de Axé*, sobre uma família baiana de candomblé, que luta para manter viva a cultura e religião de seus ancestrais africanos.

// Filmes Faróis

Quando tive a honra de participar do iluminado projeto *Faróis do Cinema* em 2014, com meu filme *Terra Para Rose*, sobre o início da luta dos sem-terra e do MST, apontei filmes lindos e ligados às lutas sociais, como o *Cabra Marcado Para Morrer*, do Eduardo Coutinho, que influenciou toda uma geração; *Corações e Mentis (Hearts and Minds, 1974)*, de Peter Davis; *Harlan County U.S.A. (1976)*, de Barbara Kopple; e *O Fundo do Ar é Vermelho (Le Fond de l'Air est Rouge, 1977)*, de Chris Marker. São filmes eternos que continuam na minha história e memória. Porém, nos últimos anos voltei meu interesse também para filmes que tratam de questões femininas, da vida de mulheres e realizados por mulheres. Observo que nos meus filmes, mesmo os que focam em movimentos sociais, as mulheres estão sempre em primeiro plano.

Portanto, hoje para o *Faróis do Cinema* de 2024, quero atualizar a minha lista com filmes de Agnès Varda, em especial seus dois últimos trabalhos: *Visages, Villages (2017)* em que a diretora, já bem idosa, faz uma peregrinação pelo interior de seu país, França, acompanhada de um amigo mais jovem, fotógrafo, para descobrirem pessoas e lugares. E seu último filme, *Varda por Agnès (Varda par Agnès, 2019)*, que é autobiográfico e percorre sua vida e sentimentos.

Olhando mais perto de mim, quero citar filmes de Helena Solberg, como seu primeiro *A Entrevista (1966)*, e *Meu Corpo, Minha Vida (2017)*, um documentário sobre o direito da mulher ao próprio corpo, e ao aborto. Helena também fez dois documentários sobre mulheres latino-americanas, *A Dupla Jornada (1976)* e *Simplesmente Jenny (1977)*, dos quais participei da pesquisa inicial quando a conheci em Washington, D.C., onde vivi duplamente exilada, do Chile e do Brasil.

Também destaco filmes de Denys Arcand, canadense, de Quebec. São filmes sensíveis que tratam da finitude e envelhecimento, como o recente *Testamento (Testament, 2023)*.

Tenho o projeto de realizar um documentário, *Mulheres Maravilhosas* (título provisório), em que irei reencontrar mulheres 60+ que conheci ao longo de minha trajetória. A produtora é uma colega, Juliana de Carvalho. Helena Celestino, jornalista, participa do roteiro. Também Martha Alencar Carvana, uma das personagens, que foi minha parceira no filme *O Sol – Caminhando contra o Vento*.

Vivo uma fase da vida em que o passado é maior que o futuro, portanto há que viver o presente e refletir sobre o passado, e viver bem cada dia que passa.



Cabra Marcado Para Morrer, de Eduardo Coutinho



O Sol - Caminhando contra o Vento, de Tetê Moraes

Theresa Jessouroun

Bate-papo com a cineasta no dia 5 de setembro



// Filmografia selecionada

Direito de Sonhar (2022)

O Corpo é Nosso! (2019)

À Queima Roupa (2014)

Coração do Samba (2011)

Samba (2000)

Cineasta, produtora e roteirista. Nascida no Rio de Janeiro, Theresa Jessouroun graduou-se em Geografia pela PUC-Rio. No ano seguinte, começou a trabalhar em cinema, inicialmente como continuísta, fotógrafa de cena e assistente de montagem em produções dirigidas, entre outros, por Antônio Calmon, Fábio Barreto, Walter Lima Júnior e Oswaldo Caldeira. Ela estudou roteiro com Orlando Senna e Jorge Duran, e aprendeu técnicas de documentário com João Moreira Salles. Além disso, a diretora também estudou na Escuela Internacional de Cine y Televisión, em Cuba, em 1991. Viveu em Barcelona, trabalhando como editora na Produtora Germinal Vídeo, em 1986 e 1987. Ao longo dos anos, trabalhou em quase todas as funções técnicas da atividade cinematográfica, destacando-se como coordenadora de produção.

Nos últimos 25 anos tem se dedicado, principalmente, à produção e direção de documentários, tendo sua iniciação nesta área como assistente e produtora do cineasta Eduardo Coutinho, com quem trabalhou durante seis anos. Sua formação em documentários foi complementada com documentaristas como Eduardo Scorel, Silvio Tendler, Geraldo Sarno e Helena Solberg. Produziu séries e programas para a TV, e campanhas políticas em televisão. Na TV brasileira, trabalhou como editora do RJTV, da Rede Globo, e do Canal Multirio. Fez pesquisa de personagens para filmes publicitários e para programas de televisão, como *No Limite III*, da TV Globo.

Um dos principais destaques em sua carreira como realizadora é o documentário *À Queima Roupa* (2014), que aborda a violência policial no Rio de Janeiro, e ganhou os prêmios de Melhor Documentário e Direção no Festival do Rio. O seu mais recente trabalho é o documentário *Direito de Sonhar* (2022) em que retrata a dificuldade de jovens do Complexo do Alemão – conjunto habitacional que abriga o maior número de favelas na Zona Norte do RJ – intercalando registros e entrevistas que abordam os mais distintos temas, como saúde, educação e racismo. O olhar documental de Theresa recai para o Rio de Janeiro, seja o do samba e da alegria, até a brutalidade e falta de assistência do Estado para com as classes pobres.

// Filmes Faróis



O Corpo é Nosso!, de Theresa Jessouroun

A Sociedade da Neve

(*Stranded: I've come from a plane that crashed on the mountains*, 2007), de Gonzalo Arijón

Em 2007, quando fui participar do Festival IDFA, em Amsterdã, com meu curta *Clarita*, foi muito impactante ver *Stranded*, que ganhou o principal prêmio do Festival. Meu curta fala sobre minha mãe que teve Alzheimer, e eu fiz algumas cenas de ficção com a Laura Cardoso para ilustrar sequências que eu menciono em *off*. *Stranded* também encena as lembranças dos entrevistados que contam como foi sobreviver àquele acidente na Cordilheira dos Andes, onde ficaram 72 dias, no meio do gelo, se alimentando da carne dos que morriam, e fazendo uma avaliação dos conceitos morais e crenças religiosas. Se não fossem estas cenas, o filme seria um *talking-heads*. As cenas ficcionais ilustram a memória deles, da mesma forma que eu fiz no curta *Clarita*. *Stranded* me incentivou a seguir com este recurso no filme *À Queima Roupa* e também em *O Corpo é Nosso!* porque ajudam na narrativa do documentário.

Munique, 1972: Um Dia em Setembro

(*One Day in September*, 1999), de Kevin MacDonald
Já *One Day in September*, quando eu vi, estava fazendo pesquisa do filme *À Queima Roupa*, e foi importante ver como eles filmaram um entrevistado que não queria mostrar o rosto. Mostrei um *print* da tela de um entrevistado para o Ivan, personagem principal do *À Queima Roupa*, que não podia ser identificado por pessoas com quem ele trabalhava, e ele aceitou dar a entrevista assim. Mostrei para o Walter Carvalho, e ele fez a fotografia com base nisso. Certamente outros filmes nos influenciavam quando assistimos, mas estes dois me marcaram bastante na época: *Stranded* porque confirmou que pode funcionar colocar encenações nos documentários, dando respiradas ou ilustrando com imagens impactantes o que é discutido no documentário, no caso de filmes cujos temas não têm imagens próprias. Ou quando vemos um filme como *One Day in September* que dão uma solução que resolve algum problema.

Adeus, América

(*Goodbye, America*, 2006), de Sergio Oksman
Um filme que eu gostaria de ter feito.

Cabra Marcado Para Morrer

(1985), de Eduardo Coutinho
Significou o despertar para a importância do documentário enquanto forma de arte. Ao vê-lo, eu trabalhava em filmes de ficção, e tive a certeza de que o documentário era o meu caminho dentro do cinema.

Buena Vista Social Club

(1999), de Wim Wenders
Primeiro filme que me despertou para a importância da unidade entre fotografia e câmera na linguagem do documentário. Mais tarde, esta reflexão se concretizou com *Estamira* (2004), de Marcos Prado, onde também a fotografia e a câmera são, na minha opinião, muito bem concebidas.

Boca de Lixo

(1993), de Eduardo Coutinho
Primeiro contato com a excelência na criação e realização de um documentário. Pude acompanhar, passo a passo, como numa escola, como um bom documentarista concretiza uma ideia.

Leni Riefenstahl, a Deusa Imperfeita

(*Die Macht der Bilder: Leni Riefenstahl*, 1993), de Ray Müller
Referência como construção do roteiro a partir da pesquisa e de como um documentário pode contribuir, de maneira importante, na reflexão sobre fatos ou pessoas da vida e da História.

Assédio

(*L'assedio*, 1998), de Bernardo Bertolucci
Propiciou-me um *insight* para o uso da montagem não linear no documentário. Estudei muito a edição desse filme.



Adeus, América, de Sergio Oksman

Sinopses

Cabra Marcado Para Morrer**Brasil, 1985 | 119 minutos | Classificação 14 anos****Direção e roteiro** Eduardo Coutinho

Sinopse No início da década de 1960, um líder camponês, João Pedro Teixeira, é assassinado por ordem dos latifundiários do Nordeste. As filmagens de sua vida, interpretada pelos próprios camponeses, foram interrompidas pelo golpe militar de 1964. Dezesete anos depois o diretor retoma o projeto e procura a viúva Elizabeth Teixeira e seus dez filhos, dispersados pela onda de repressão que seguiu ao episódio do assassinato. O tema principal do filme passa a ser a trajetória de cada um dos personagens que, por meio de lembranças e imagens do passado, evocam o drama de uma família de camponeses durante os longos anos do regime militar. Prêmio da crítica internacional (FIPRESCI) no Festival de Berlim.

Fernanda Young, Foge-me ao Controle**Brasil, 2024 | 87 minutos | Classificação 16 anos****Direção** Susanna Lira

Sinopse Ensaio poético sobre a vida da escritora, apresentadora e roteirista Fernanda Young. O filme captura não apenas os marcos da sua carreira, mas também os aspectos mais pessoais, revelando a complexidade e autenticidade da artista. Seleção Oficial do Festival É Tudo Verdade.

Como Nossos Pais**Brasil, 2017 | 102 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Laís Bodanzky**Elenco** Maria Ribeiro, Clarisse Abujamra, Paulo Vilhena

Sinopse Rosa, 38 anos, é uma mulher que se encontra em uma fase peculiar de sua vida, marcada por conflitos pessoais e geracionais: ao mesmo tempo em que

precisa desenvolver sua habilidade como mãe de suas filhas, manter seus sonhos, seus objetivos profissionais e enfrentar as dificuldades do casamento, Rosa também continua sendo filha de sua mãe, Clarice, com quem possui uma relação cheia de conflitos. Melhor filme no Festival de Gramado.

A Hora da Estrela**Brasil, 1985 | 96 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Suzana Amaral**Elenco** Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman

Sinopse Macabéa é uma migrante nordestina, que vive em São Paulo. Ela trabalha como datilógrafa em uma pequena firma e vive em uma pensão miserável, onde divide o quarto com outras três mulheres. Macabéa não tem ambições, apesar de sentir desejo e querer ter um namorado. Um dia ela conhece Olímpico, um operário metalúrgico com quem inicia namoro. Só que Glória, colega de trabalho de Macabéa, tem outros planos após se consultar com uma cartomante. Obra baseada no romance homônimo de Clarice Lispector. Vencedor do Urso de Prata de melhor atriz no Festival de Berlim.

Quanto Mais Quente Melhor (Some Like it Hot)**EUA, 1959 | 122 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Billy Wilder**Elenco** Marilyn Monroe, Tony Curtis, Jack Lemmon

Sinopse Dois músicos de jazz, acidentalmente, testemunham o Massacre do Dia de São Valentim, em Chicago, 1929, executado por gângsteres. Para escapar da perseguição, os dois se vestem de mulher, se maquiagem e vão para Flórida, e entram em uma banda só de moças. Vencedor do Oscar de melhor figurino.

Iracema – Uma Transa Amazônica**Alemanha/Brasil, 1974 | 91 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Orlando Senna e Jorge Bodanzky**Elenco** Paulo César Pereio, Edna de Cássia**Sinopse** Menina do interior vai a Belém com a família para pagar promessa na festa do Sírío Nazaré. O novo meio e as companhias que encontra levam a menina à prostituição. Conhece num cabaré um motorista de caminhão Tião Brasil Grande, negociante de madeira. Influenciada pelas outras prostitutas, ela quer ir para os grandes centros (São Paulo e Rio) e pega carona com o motorista. Melhor Filme no Festival de Brasília.**A Alegria é a Prova dos Nove****Brasil, 2023 | 100 minutos | Classificação 14 anos****Direção e roteiro** Helena Ignez**Elenco** Helena Ignez, Ney Matogrosso, Thaís de Almeida Prado**Sinopse** É um filme de amor, também memorial, sobre a viagem feita nos anos 70 ao Marrocos por Jarda Ícone, artista, sexóloga e roqueira octogenária, como se define, e Lírio Terron, defensor dos direitos humanos. Na verdade, uma viagem que não acabou em suas vidas. Esta aventura dos dois não apenas marcou suas vidas, mas também continuou a fazer sentido em suas existências posteriores. Seleção Oficial da Mostra de Tiradentes.**Enquanto Estamos Aqui****Brasil, 2019 | 77 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Clarissa Campolina e Luiz Pretti**Sinopse** Duas vidas se cruzam em Nova York. Lamis, uma mulher libanesa, acaba de se mudar para a cidade, enquanto o brasileiro Wilson já mora lá há 10 anos, mas de forma ilegal. Seleção Oficial do Festival de Rotterdam.**A Festa de Léo****Brasil, 2022 | 85 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Luciana Bezerra e Gustavo Melo**Elenco** Nego Ney, Cíntia Rosa, Jonathan Haagenzen**Sinopse** Léo é um garoto de 12 anos. No dia de sua festa, Rita, sua mãe, descobre que o pai do menino, Dudu, que é dependente químico, roubou o dinheiro que estava reservado para realizar o evento. A trama acompanha o desenrolar da busca de Rita por outras formas de arrecadar dinheiro para a festa e, ao mesmo tempo, salvar a vida do pai de seu filho. Seleção Oficial do Festival do Rio.**Xingu Cariri Caruaru Carioca****Brasil, 2016 | 92 minutos | Classificação Livre****Direção e roteiro** Beth Formaggini**Sinopse** Em busca de suas origens musicais e as raízes das flautas, Carlos Malta é um dos músicos que se reú-

nem para conversar e tocar juntos os sons tradicionais das “culturas populares” e “cultura pop”. Um encontro entre mundos diversos e que se complementam, uma mostra de que tudo está sempre em movimento e um registro da capacidade criativa da música contemporânea, sempre em transformação. Melhor Filme no Festival In-Edit Brasil.

Viver a Vida (Vivre sa Vie)**França, 1962 | 83 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Jean-Luc Godard**Elenco** Anna Karina, André S. Labarthe, Paul Pavel**Sinopse** A jovem Nana abandona marido e filho para buscar uma carreira como atriz. Durante um período, ela tenta ganhar dinheiro vendendo discos em uma loja, mas como não consegue o suficiente para sua sobrevivência, acaba recorrendo à prostituição. Após se apaixonar outra vez, Nana começa a repensar sua vida. Grande Prêmio do Júri no Festival de Veneza.**Manguieira em 2 Tempos****Brasil, 2019 | 90 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Ana Maria Magalhães**Sinopse** Após 30 anos, o documentário Manguieira em 2 tempos visita as crianças que foram retratadas no vídeo “Manguieira do amanhã”. Suas histórias revelam as circunstâncias brutais da vida dos moradores das favelas do Rio de Janeiro, mas também seus surpreendentes destinos. Paralelo a isso, Mestre Wesley se inspira na musicalidade local para realizar a carreira de percussionista. A narrativa de sua trajetória explora a conexão entre samba e funk, ritmos marcados pelas batidas em 2 tempos e propõe o diálogo entre o jazz e a percussão da Manguieira. Prêmio de Melhor Documentário no International New York Film Festival.**Hiroshima, Meu Amor (Hiroshima, mon amour)****França/Japão, 1959 | 90 minutos | Classificação 18 anos****Direção** Alain Resnais**Elenco** Emmanuelle Riva, Eiji Okada, Bernard Fresson**Sinopse** Hiroshima, 1959. Uma atriz francesa casada veio de Paris para trabalhar num filme sobre a paz. Ela tem um caso com um arquiteto japonês, também casado, cuja esposa está viajando. Nos dois dias que passam juntos várias lembranças veem à tona enquanto esperam, de forma aflita, a hora da partida dela. Ela conta que foi “tosquiada”, pois se apaixonou por um alemão quando tinha apenas 18 anos e morava em Nevers, sendo libertada no dia em que seu amor foi morto, já no final da 2ª Guerra Mundial. Por ter amado um inimigo, ela foi aprisionada por sua família numa fria e escura adega e agora, 14 anos depois, novamente sente o gosto de viver um amor quase impossível. Indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original.



Agudás – Os Brasileiros do Benin**Brasil/Benin/França, 2023 | 97 minutos | Classificação Livre****Direção** Aída Marques**Sinopse** O filme retrata a trajetória e a vida dos povos “agudás” atualmente. Trata-se de um grupo de descendentes de africanos escravizados no Brasil, que retornaram à terra natal com o fim da escravidão, e também de descendentes, brasileiros e portugueses, de traficantes de escravos, que se instalaram naquela região da África nos séculos XVIII e XIX. Presentes em Benim e Togo, os “agudás” assimilaram o sobrenome e parte da cultura de seus senhores. Seleção Oficial da Mostra de Cinema de Ouro Preto.**O Corpo é Nosso!****Brasil, 2019 | 85 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Theresa Jessouroun**Sinopse** O abismo existente entre a trajetória da desconstrução do corpo da mulher negra como objeto e da mulher branca ainda é real. Este documentário traz à tona grande parte da questão da liberdade do corpo feminino, seja na música, dança ou na sexualidade, relacionada a desconstrução da visão de masculinidade a partir do feminismo. Inclusive, há a presença de episódios de ficção que mostram as atitudes ainda machistas, racistas e preconceituosas tomadas pelos homens e por grande parte da sociedade. Seleção Oficial do Cine PE.**A Dupla Jornada****Argentina/Bolívia/México/Venezuela, 1975 | 54 minutos | Classificação 12 anos****Direção** Helena Solberg**Sinopse** Filmado em fábricas no México e na Argentina, e em minas na Bolívia e Venezuela, o documentário examina as condições da mão de obra feminina como força de trabalho na América Latina. Menção Honrosa no Mannheim-Heidelberg International Film Festival.**Salto no Vazio****Brasil, 2017 | 70 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Patrícia Niedermeier e Cavi Borges**Sinopse** As memórias da viagem feita pelo casal de artistas Cavi Borges e Patrícia Niedermeier são transformados em um filme ensaio. O cenário é composto por paisagens localizadas no Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Síria, França e Hungria, onde é registrado uma série de coreografias e outras performances criadas pelos dois. Seleção Oficial da Mostra de São Paulo.**O Sol – Caminhando contra o Vento****Brasil, 2006 | 95 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Tetê Moraes e Martha Alencar**Sinopse** No Brasil pós-golpe militar e ainda antes do Ato Constitucional nº 5, mais conhecido como AI-5, nasce

no Rio de Janeiro o jornal O Sol. Mesmo tendo vida curta, o jornal faz história representando o espírito da época. Através de material de arquivo, músicas e depoimentos de pessoas que participaram do jornal é mostrada a história da chamada “geração 68”. Seleção Oficial do Festival do Rio.

O Bandido da Luz Vermelha**Brasil, 1968 | 92 minutos | Classificação 16 anos****Direção e roteiro** Rogério Sganzerla**Elenco** Paulo Villaça, Helena Ignez, Pagano Sobrinho**Sinopse** Um assaltante misterioso usa técnicas extravagantes para roubar casas luxuosas de São Paulo. Ele é apelidado pela imprensa de “bandido da luz vermelha”, já que traz sempre uma lanterna vermelha e conversa longamente com suas vítimas. No entanto, seus roubos e crimes chamam tanta atenção que um implacável policial começa a persegui-lo. Melhor Filme no Festival de Brasília.**Mormaço****Brasil, 2018 | 96 minutos | Classificação 14 anos****Direção** Marina Meliande**Elenco** Marina Provenzano, Pedro Gracindo, Analu Prestes**Sinopse** Ana é uma defensora pública que trabalha contra a remoção da Vila Autódromo, comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro que a prefeitura deseja riscar do mapa em virtude das instalações esportivas das Olimpíadas de 2016. Ela mesma correndo risco de perder sua casa por conta da especulação imobiliária que assola a cidade, Ana, cada vez mais cansada por conta do clima e da árdua luta, de repente percebe o surgimento de marcas misteriosas em seu corpo. Seleção Oficial do Festival de Gramado.**As Praias de Agnès (Les Plages D’Agnès)****França, 2008 | 112 minutos | Classificação 12 anos****Direção** Agnès Varda**Sinopse** Com fotografias, fragmentos de filmes, entrevistas, e pequenas encenações, Varda compõe uma autobiografia, num passeio do tempo de criança na Bélgica até Paris, da descoberta do cinema até a participação na Nouvelle Vague, do casamento e dos filhos até a vida depois da morte de Jacques Demy. Vencedor do César de Melhor Documentário.**Eletrodoméstica****Brasil, 2005 | 22 minutos | Classificação 12 anos****Direção e roteiro** Kleber Mendonça Filho**Elenco** Magdale Alves, Pedro Bandeira, Gabriela Souza**Sinopse** Na década de 1990, uma família da classe média, composta por uma mãe e seus dois filhos, vive em uma casa que está repleta de eletrodomésticos supérfluos capazes de fazer muito barulho. Prêmio do Público de Melhor Curta no Cine PE.

Noite de Sexta, Manhã de Sábado

Brasil, 2007 | 15 minutos | Classificação 12 anos

Direção Kleber Mendonça Filho

Elenco Bohdana Smyrnova, Pedro Sotero

Sinopse Após uma festa na noite de sexta, um homem se dirige a uma loja de conveniências e liga para uma mulher que está em outro país. Os dois conversam bastante e tentam se conectar através da ligação, como se tivessem se encontrando. Melhor Atriz no Festival de Brasília.

Helena de Guaratiba

Brasil, 2023 | 15 minutos | Classificação 14 anos

Direção Karen Black

Elenco Helena Ignez, Cauã Reymond, Djin Sganzerla

Sinopse Odiada pelos gregos, detestada pelos troianos, Helena vive uma vida pacata em Guaratiba, bairro de pescadores no Rio de Janeiro. Até que o amor bate em sua porta, trazendo de volta fantasmas do seu passado. Seleção Oficial do Festival do Rio.

Vinil Verde

Brasil, 2004 | 17 minutos | Classificação 12 anos

Direção Kleber Mendonça Filho

Elenco Verônica Alves, Gabriela Souza, Ivan Soares

Sinopse Na cidade do Recife, uma mãe dá de presente para sua filha uma caixa cheia de discos de vinil coloridos. Ao entregar a caixa, a mãe avisa a menina que ela pode escutar todos os discos, exceto o vinil verde, o que a garota acaba desobedecendo. Prêmio da Crítica de Melhor Curta-metragem do Cine PE.

Agradecimentos

Alé Palma
Alô Vídeo
Anavilhana Filmes
Ava Rocha
Cavi Borges
Cavideo Produções
Clara Eyer
Coqueirão Pictures
David Meyer
Diogo Dahl
DRK
Elias Oliveira
Ernani Silva
Gabriella Fischer
Helena Solberg
Imovision
Jorge Bodanzky
Kinofilmes Produções Artísticas e Cinematográficas
Luana Melgaço
Luiz Pretti
Mapa Filmes
Marcelo Mendes
Martha Alencar
Mercúrio Produções
MP2 Produções
Modo Operante Produções
Nova Era Produções de Arte
Paloma Rocha
Pique-bandeira Produções
Radiante Filmes
Smart Distribution
Sofa Digital
Vemver Produções Audiovisuais
Vitrine Filmes
Zelito Viana

Créditos

Curadoria

Mariana Bezerra

Consultoria de curadoria

Carlos Alberto Mattos

Coordenação geral

Claudia Oliveira

Mariana Bezerra

Produção executiva

Breno Lira Gomes

Produção

Claudia Oliveira

Assistente de produção

Luísa Levicius

Glória Maria Pereira da Silva

Monitoria

Estevam Strausz

Assessoria de Imprensa

Mariana Bezerra Cavalcanti

Claudia Oliveira

Produção e edição de conteúdo para redes sociais

Flávia Moreira

Design Gráfico e Comunicação Visual

Folha Verde Design

Edição de vinheta e vídeos de divulgação

Christian Caselli

Registro fotográfico

Léo Além

Registro videográfico

Urion Castilho

Site

Fernando Alvarez

EQUIPE CATÁLOGO

Organização, coordenação editorial e revisão de textos

Leonardo Luiz Ferreira

Programação visual

Folha Verde Design

ATIVIDADES PARALELAS

Bate-papos/Encontros

Aída Marques

Ana Maria Magalhães

Beth Formaggini

Clarissa Campolina

Helena Ignez

Luciana Bezerra

Marina Meliande

Patrícia Niedermeier

Teté Moraes

Theresa Jessouroun

Oficina

Clarissa Campolina

Palestra

Mariana Bezerra

Carlos Alberto Mattos

Crédito fotos

pg 12: César Moraes | pg 20: Leticia Marotta | pg 24: Leo

Lara – Universo Produção | pg 32: Mariana Vianna

Patrocínio

CAIXA

Governo Federal

Distribuição gratuita. Venda Proibida.

Apoio



Realização



Patrocínio

